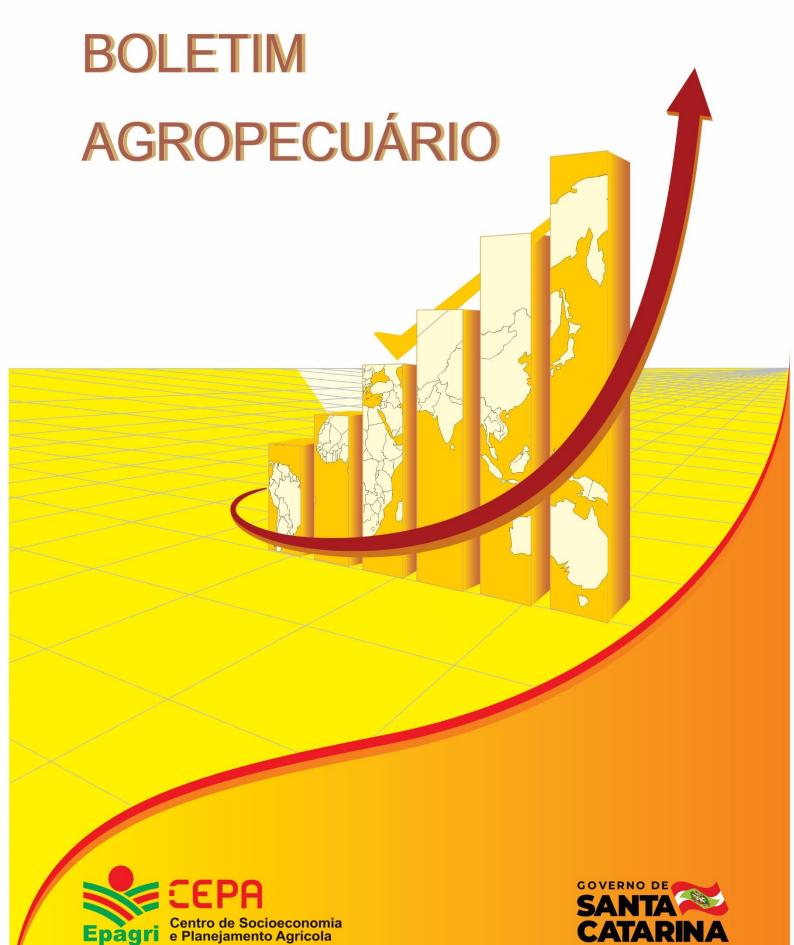
ISSN: 2674-9521 (on-line)

Dezembro/2021







# **Governador do Estado**

Carlos Moisés da Silva

### Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural Altair Silva

**Presidente da Epagri** Edilene Steinwandter

### **Diretores**

Célio Haverroth Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes Ciência, Tecnologia e Inovação





ISSN: 0100-8986 (impresso) ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

# **DOCUMENTOS Nº 349**

# **Boletim Agropecuário**

# Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Felipe Jochims
Glaucia de Almeida Padrão
Guilherme Xavier de Miranda Junior
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Tabajara Marcondes





# Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi Florianopolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: <a href="https://www.epagri.sc.gov.br">www.epagri.sc.gov.br</a> E-mail: <a href="mailto:epagri@epagri.sc.gov.br">epagri@epagri.sc.gov.br</a>

# Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi 88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <a href="https://cepa.epagri.sc.gov.br/">https://cepa.epagri.sc.gov.br/</a> E-mail: <a href="mailto:online@epagri.sc.gov.br">online@epagri.sc.gov.br</a>

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

### Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: dezembro de 2021 - (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

### Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Dezembro/2021. Florianópolis, 2021, 52p. (Epagri. Documentos, 349). Publicação iniciada em maio/2014 ( $n^{o}$  de 1-70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria. Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso) ISSN: 2674-9521 (*on-line*)



# **APRESENTAÇÃO**

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <a href="https://cepa.epagri.sc.gov.br/">https://cepa.epagri.sc.gov.br/</a>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Edilene Steinwandter**Presidente da Epagri



# Sumário

Grãos	7
Arroz	
Feijão	11
Milho	14
Milho - Silagem	20
Soja	22
	26
Hortaliças	28
Alho	
Cebola	32
Pecuária	
Avicultura	35
Bovinocultura	40
Suinocultura	44
Leite	50



# Grãos

# **Arroz**

Glaucia de Almeida Padrão Economista, Dra. – Epagri/Cepa glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

#### Mercado

Em Santa Catarina, os preços médios pagos aos produtores no mês de novembro tiveram redução de 8,97% em relação à outubro, fechando o mês em R\$65,05/saca 50 kg. No Rio Grande do Sul, a variação entre os dois meses foi ainda maior, com redução de 9,29% em novembro, comparativamente à outubro. Para o mês de dezembro essa tendência tem se mantido nos dois estados, considerando as cotações da primeira quinzena, com redução estimada em 4% em relação à novembro. O comportamento observado nos últimos meses (julho a dezembro) tem se mostrado atípico, visto que nesse período, historicamente, são observados os maiores preços, em razão da baixa oferta e concentração da comercialização no primeiro semestre do ano. No entanto, a retração da demanda, em geral explicada pela redução da renda, tem levado à baixa aquisição por parte da indústria. Com o avanço da safra e início da colheita nos próximos meses, a preocupação dos produtores se volta para a necessidade de estocar a próxima safra e obtenção de preço que cubra os custos de produção crescentes.

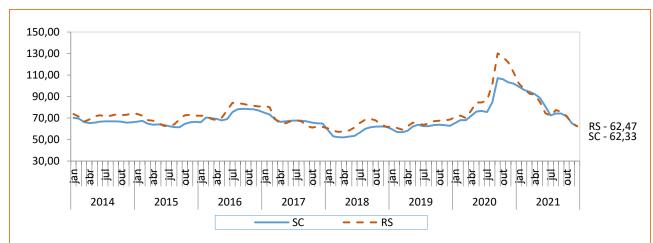


Figura 1. Arroz irrigado – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2014 a dez.<sup>(1)</sup>/2021)

(1)
Preço médio da primeira quinzena.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS) dezembro/2021.

# Comercialização X Preço recebido

No que diz respeito à comercialização em Santa Catarina, até novembro, cerca de 97,42% da produção já havia sido comercializada. Considerando os percentuais de comercialização, o preço médio obtido até novembro deste ano, foi de R\$84,92/SC. Ao longo dos últimos cinco anos tem-se observado uma concentração da comercialização nos cinco primeiros meses do ano. Em média, cerca de 80% da produção é comercializada nesse período, demonstrando a crescente necessidade do produtor de fazer caixa imediatamente após a colheita, devido a vários fatores, entre eles o acesso a crédito para custeio da produção e endividamento pelos altos custos de produção. Esse cenário é desfavorável ao produtor, visto que há perda de capacidade de negociação e alcance de melhores preços de venda.



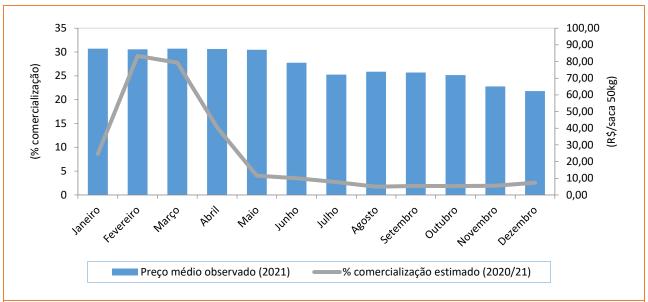


Figura 2. Arroz – SC: evolução do % de comercialização mensal e preço médio recebido pelo produtor – 2021 Fonte: Epagri/Cepa (SC), dezembro/2021.

### Custo de produção

Apesar dos preços elevados ao longo do ano, os custos de produção também apresentaram comportamento crescente. A Figura 3 apresenta a distribuição do custo de produção em seus principais componentes. Em outubro de 2021, o custo operacional efetivo fechou em R\$69,63/saca de 50 kg. O maior peso nos custos de produção continua sendo o arrendamento de terras, que representa 31% do custo operacional total. Segundo levantamento realizado pela Epagri/Cepa, cerca de 60% da área produzida do estado é arrendada, - valor que vem aumentando gradativamente em razão da inviabilização da atividade pelos altos custos de produção. Os serviços mecânicos ocupam o segundo lugar nos itens de maior participação nos custos de produção e responde por 26%. A maior parcela corresponde à colheita, que em sua maioria é realizada de forma terceirizada. Os gastos com insumos representam 23% do total e vem apresentando comportamento crescente nos últimos anos. Esse comportamento pode ser explicado pela alta do dólar, visto que a maioria dos agroquímicos são importados. A Figura 4 mostra a evolução dos custos de produção e seu comparativo com a margem, preço de nivelamento e preço recebido pelo produtor. Observa-se que o custo operacional total em outubro de 2021 aumentou em 6,18% em relação à abril do mesmo ano, enquanto o preço recebido pelo produtor reduziu em 0,37%. Considerando o custo operacional total, o preço de nivelamento, ou seja, aquele necessário para cobrir todos os custos em outubro seria R\$74,42/saca, enquanto o produtor recebeu R\$71,88/saca naquele mês. Isso resulta em uma margem bruta baixa e lucro operacional negativo, dificultando a permanência do produtor na atividade. Ao longo da série analisada, o período compreendido entre os meses de abril de 2020 a abril de 2021 foi de melhores margens, o que permitiu ao produtor a capitalização e possibilidade de investimento nas safras futuras. A expectativa é de que os preços dos insumos voltem a patamares normais nos próximos meses, assim que a oferta de matéria prima volte à normalidade. Contudo, com os preços ao produtor em queda, é provável que a margem do produtor continue apertada ou negativa.



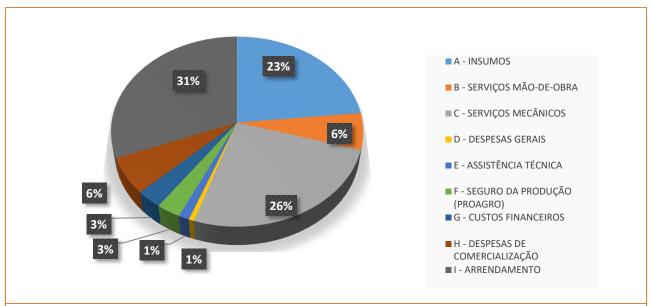


Figura 3. Arroz – SC: composição do custo operacional de produção (%) – Out./2021

Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2021.

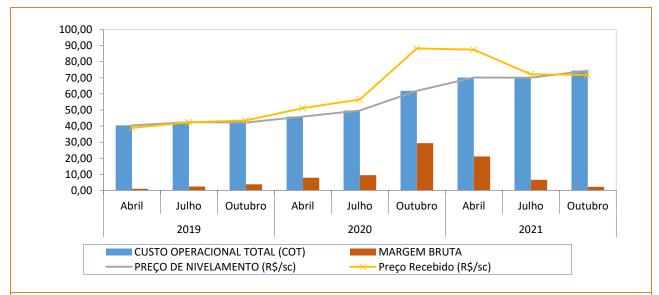


Figura 4. Arroz – SC: evolução do custo de produção, margem bruta, preço médio recebido e preço de nivelamento – 2019-21

Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2021.

# Acompanhamento de safra

O plantio da safra de arroz 2021/22 está encerrado, com algumas áreas, plantadas mais cedo, em floração, especialmente no litoral norte do estado. De maneira geral, as lavouras estão com desenvolvimento dentro da normalidade, com boa sanidade e nenhum relato de problemas severos de pragas e doenças. Nas últimas semanas foi registrado aumento da temperatura média, fator importante para esta fase de florescimento das lavouras e que merece atenção nas próximas semanas. A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada, em torno de 148 mil hectares e espera-se produtividade dentro da média em comparação à safra anterior.



Tabela 1. Arroz i		Safra 2020	-			afra 2021/22 <sup>(1)</sup>	V	ariação (	%)
Microrregião	Área	Quant.	Produtividade	Área	Quant.	Produtividade			
_	(ha)	prod. (t)	(kg/ha)	(ha)	prod. (t)	(kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	512.719	8.713	58.848	493.325	8.383	0,00	-3,78	-3,78
Blumenau	7.115	60.701	8.531	7.115	62.208	8.743	0,00	2,48	2,48
Criciúma	21.828	191.735	8.784	21.828	183.475	8.405	0,00	-4,31	-4,31
Florianópolis	1.895	11.333	5.981	1.895	11.908	6.284	0,00	5,07	5,07
Itajaí	9.461	74.895	7.916	9.461	76.294	8.064	0,00	1,87	1,87
Ituporanga	171	1.539	9.000	170	1.530	9.000	-0,58	-0,58	0,00
Joinville	18.232	146.238	8.021	18.382	151.132	8.222	0,82	3,35	2,50
Rio do Sul	10.695	92.338	8.634	10.615	95.831	9.028	-0,75	3,78	4,57
Tabuleiro	132	877,8	6.650	132	924	7.000	0,00	5,26	5,26
Tijucas	2.164	15.780	7.292	2.164	15.985	7.387	0,00	1,30	1,30
Tubarão	17.738	140.697	7.932	17.023	129.158	7.587	-4,03	-8,20	-4,35
Santa Catarina	148.279	1.248.853	8.422	147.633	1.150.632	7.794	-0,44	0,09	0,52

Fonte: Epagri/Cepa (SC), dezembro/2021.



# Feijão

João Rogério Alves Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa joaoalves@epagri.sc.gov.br

#### Mercado

O preço médio pago aos produtores catarinenses de feijão-carioca no mês de novembro recuou cerca de 2,60% em relação ao mês anterior, fechando a média mensal em R\$229,09/sc 60kg. Já para o feijão-preto, os preços tiveram pequena variação negativa de 0,09% no último mês, fechando a média de outubro em R\$231,69/sc 60kg. No mercado paranaense, a redução nas cotações foi ainda maior, registrando desvalorização de 3,70%, com o preço médio mensal para o feijão-carioca fechando em R\$252,27/sc 60kg. No mercado rio-grandense verificou-se elevação de 1,39% na cotação do feijão-preto, que fechou o mês de novembro em R\$228,75/sc 60kg.

Tabela 1. Feijão – BR	Tabela 1. Feijão – BR: evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)											
Estado	Tipo	Nov./21	Out./21	Variação mensal (%)	Nov./20	Variação anual (%)						
Santa Catarina		229,09	235,20	-2,60	209,47	9,37						
Paraná		252,27	261,95	-3,70	271,86	-7,21						
Mato Grosso do Sul	Feijão-	223,52	238,86	-6,42	275,08	-18,74						
Bahia	carioca	251,62	253,49	-0,74	231,34	8,77						
São Paulo		256,54	262,91	-2,42	263,75	-2,73						
Goiás		242,75	248,54	-2,33	243,95	-0,49						
Santa Catarina		231,69	231,90	-0,09	242,97	-4,64						
Paraná	Feijão-preto	225,39	228,03	-1,16	252,41	-10,70						
Rio Grande do Sul		228,75	225,61	1,39	234,79	-2,57						

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), dezembro/2021.

O mercado nacional de feijão esteve calmo durante o mês de novembro. Este comportamento tende a se manter durante os meses de dezembro e janeiro, fundamentado pela redução no consumo com a chegada das férias escolares e festividades natalinas e de ano novo. Nos meses de janeiro e fevereiro, o mercado ficará na dependência da produção de São Paulo, único estado que concentra a sua colheita de feijão 1ª safra, entre novembro e dezembro. A produção paulista está estimada em 110,4 mil toneladas, praticamente o mesmo volume registrado na safra anterior.

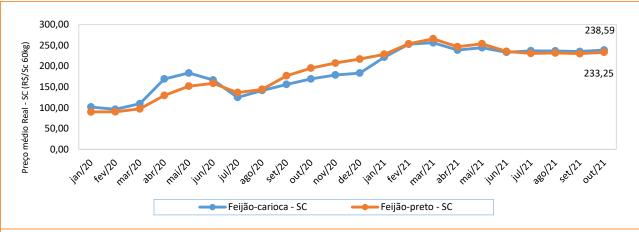


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2020 a nov./2021) Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base novembro/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), dezembro/2021.



Em relação ao balanço de oferta e demanda, segundo a Conab, de janeiro a outubro de 2021 foram importadas 72 mil toneladas, isto é, 20 mil toneladas a menos que os números registrados no mesmo período de 2020. Quanto às exportações, foram comercializados 179,4 mil toneladas, 38,5 mil toneladas acima das 140,9 mil toneladas registradas no mesmo período de 2020. Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 155,2 mil toneladas, o consumo em 2,9 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas e as exportações em 200 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 291,8 mil toneladas.

Tabela 2. Feijã	Tabela 2. Feijão – BR: balanço de oferta e demanda (1.000 toneladas)											
Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final					
2018/10	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7					
2019/20	240,7	3.222,6	113,6	3.576,9	3.150,0	176,6	250,3					
2020/21 <sup>(1)</sup>	250,3	2.884,9	100,0	3.235,2	2.900,0	180,0	155,2					
2021/22 <sup>(2)</sup>	155,2	3.136,6	100,0	3.391,8	2.900,0	200,0	291,8					

Estimativa.

Fonte: Conab, dezembro/2021.

### Safra Catarinense

Em Santa Catarina, até a última semana de novembro, 78% da área destinada ao plantio da safra 2021/22 de feijão 1ª safra já havia sido plantada. Para as lavouras que estão à campo, cerca de 72,6% encontram-se na fase de desenvolvimento vegetativo e 27,4% alcançaram a fase de floração. As condições de lavouras pioraram no último mês em função da falta de chuvas em algumas regiões do estado e atualmente estão classificadas como: 69,7% boa; 12,6% média e 1,5% ruim.

Nas Microrregiões Geográficas (MRG's) de Canoinhas e São Bento do Sul, no Planalto Norte catarinense, as áreas avaliadas como ruins (10%), são aquelas onde as lavouras foram atingidas por granizos e/ou sofreram estresse hídrico por falta de chuvas na fase de floração. No restante da área, as lavouras estão sendo avaliadas com potencial de boa produtividade.

Já nas Microrregiões Geográficas (MRG's) de Joaçaba e Curitibanos, no Meio Oeste e Planalto Sul catarinense, que abrange a região de Campos Novos e Planalto Norte catarinense, a área plantada sofrerá redução maior do que inicialmente previsto. Produtores tradicionais de feijão optaram nessa safra pelo plantio da soja em detrimento do feijão 1ª safra. As operações de plantio avançam rapidamente e já ultrapassam 30% da área inicialmente estimada. Técnicos tem relatado a possibilidade do plantio de uma segunda safra de feijão a partir de fevereiro (a se confirmar), cultivo esse que seria realizado sobre a resteva das lavouras de milho 1ª safra. Para a MRG de Campos de Lages, o plantio está praticamente encerrado. A falta de chuvas tem prejudicado o desenvolvimento das plantas.

Para as MRG's de Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste, no Oeste e Extremo Oeste catarinense, o mês de novembro foi marcado por falta de chuvas entre o final da fase de desenvolvimento vegetativo e início da floração. A falta de chuvas durante a floração poderá comprometer a produtividade das lavouras. Produtores estão na expectativa pela ocorrência de chuvas em bons volumes para que essa situação se reverta.

Já nas MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão, região Sul Catarinense, com municípios localizados próximos ao litoral, produtores intensificam os tratos culturais de suas lavouras. Com um bom desenvolvimento vegetativo, as plantas avançam para a fase de floração, que já ultrapassa 75% das áreas destinadas ao plantio da leguminosa.

<sup>&</sup>lt;sup>(2)</sup>Previsão.



Tabela 3. Feijão 1ª – SC: comparativo de safra 2020/21 e 2021/22											
	9	Safra 2020/2	1	Estir	nativa Safra	2021/22		Variação (S	%)		
Microrregião	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.		
Campos de Lages	6.500	12.772	1.965	6.900	13.738	1.991	6	8	1		
Canoinhas	7.450	8.767	1.177	9.420	24.035	2.551	26	174	117		
Chapecó	1.772	2.123	1.198	1.784	3.964	2.222	1	87	85		
Curitibanos	4.310	10.146	2.354	3.310	7.167	2.165	-23	-29	-8		
Joaçaba	2.885	5.113	1.772	2.807	5.657	2.015	-3	11	14		
Xanxerê	4.874	10.759	2.207	5.172	12.264	2.371	6	14	7		
Outras MRG's	5.316	6.826	1.284	4.433	8.126	1.833	-17	19	43		
Santa Catarina	33.107	56.507	1.707	33.826	74.950	2.216	2	33	30		

Fonte: Epagri/Cepa (SC), dezembro/2021.



# Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
<a href="https://doi.org/10.25/">https://doi.org/10.25/</a>
Guilherme Xavier de Miranda Junior
Engenheiro-agrônomo, MSc. – Epagri/Ciram
<a href="mailto:gmiranda@epagri.sc.gov.br">gmiranda@epagri.sc.gov.br</a>

### **Preços**

Em Santa Catarina, os preços ao produtor, média mensal em novembro, recuaram 3,9% em relação a outubro, sendo o terceiro mês consecutivo de baixa. Os preços ao produtor retomam posições inferiores as registradas no início de 2021, R\$88,25/sc (Figura 1). Nos outros estados o movimento de baixa foi semelhante. Os **fatores que influenciaram a baixa no período são:** a expectativa de aumento da produção da safra 2021/2022 as exportações menores do que previsto para o ano, **as importações** e o ritmo do consumo interno. No entanto, o foco na primeira quinzena de dezembro está no clima, já que o milho plantado mais cedo (setembro) está sentindo a falta de chuvas na região Oeste de Santa Catarina e também no Rio Grande do Sul. Este fator está contribuindo para a reversão do movimento de baixa na primeira quinzena de dezembro, conforme registro dos preços diários da Epagri/Cepa e Ibovespa, B3 (Figura 3).

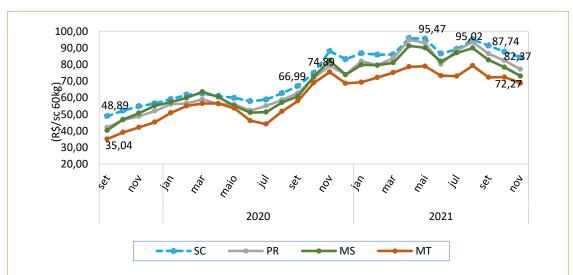


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – set./2019 a nov./2021 (valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink.

As cotações dos preços mensais do milho em Santa Catarina mostram uma variação temporal mais significativa desde julho de 2020. Em 2021, os preços registrados em novembro (média mensal corrigida pelo IGP-DI) tiveram uma redução de 3,9% em relação ao mês anterior, da mesma forma que em 12 meses apresenta uma redução de 4,29%. Já a variação nos últimos 24 meses foi de elevação de 53,77% (Figura 2), confirmando que, a pandemia foi um fator determinante nas cotações das commodities (milho, soja e trigo) no mercado internacional, seja devido ao câmbio e demanda dos grãos no contexto da segurança alimentar. Desde início do ano de 2021, os preços apresentam um recuo de 2,93%, sendo que, no trimestre a redução dos preços foi de 11,3%, índice que trouxe os preços aos níveis inferiores ao de início do ano.

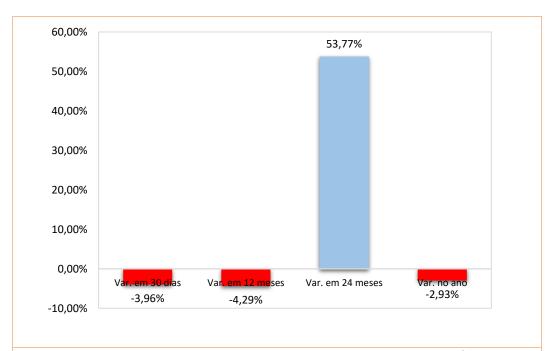


Figura 2. Milho – Preço médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina – (R\$/sc de 60Kg) – variação dos preços do mês de novembro, comparativo a 30 dias, 12 e 24 meses e, em 2021 – atualizado IGP-DI

### Variação diária dos preços

A variação diária dos preços do milho na Bolsa B3 – Ibovespa uma elevação significativa de julho de 2020 a maio de 2021, quando alcançou à marca de R\$100,00/sc. A cotação em dólar, pela conversão diária registrou em alguns momentos \$20,00/sc¹. De julho até novembro, a retração dos preços foi significativa, de R\$101,00/sc em 29 de julho, para R\$85,00/sc na primeira quinzena de novembro (Infoagro, 2021). Os compradores brasileiros não se mostraram interessados em comprar milho no mercado spot nacional, mantendo pressão sobre os valores na maioria das regiões. O ritmo lento das exportações de milho no segundo semestre e bom desenvolvimento da safra de verão no período também estão influenciando os preços no período. Desde início de novembro houve uma retração dos preços, com registro de R\$80,00/sc em alguns dias. Contudo, no início de dezembro houve reação nas cotações, alcançando R\$87,00/sc em 16/12/21 (figura 3).

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> https://www.cepea.esalq.usp.br/br/indicador/milho.aspx





Figura 3. Milho – Evolução dos preços diários, de 3 novembro a 16 de dezembro – R\$/sc de 60kg – preço mais comum – praça Chapecó (superior) e cotações na Ibovespa B3 (inferior)

Fonte: Epagri Cepa e Esalq. Ibovespa-B3, Campinas - SP.

### Mercado Futuro

No mercado futuro de milho da Bolsa de Chicago (CBOT), as cotações entre os dias 01 e 15 de dezembro, para contratos com vencimento em março/21 e julho/21, apresentaram uma variação de alta significativa, superior a 7%, indicando uma consolidação dos preços próximos de U\$5,90/buschel (buschel=27,216 kg). Os principais fatores que determinam este nível de preços são: diminuição da safra americana em relação à expectativa inicial e importação de maiores volumes do milho dos EUA pela China assim como a demanda de uso do cereal para etanol.



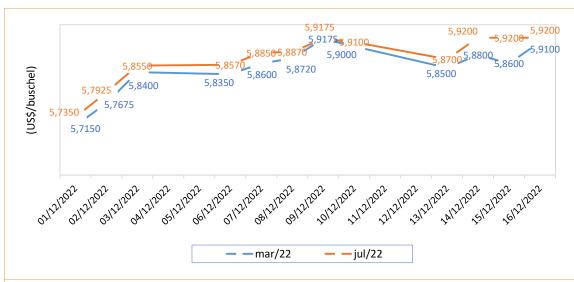


Figura 4. Milho – Cotações internacionais nos preços do milho na Bolsa de Chicago – US\$/buschel – Contratos para março e julho de 2022

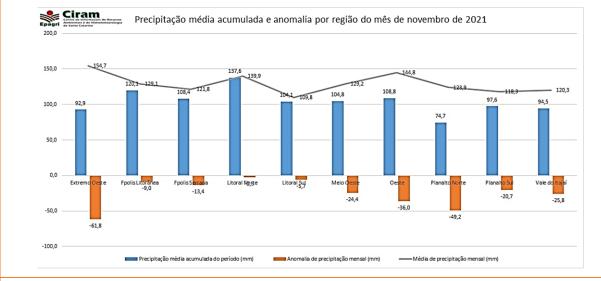
Fonte: CME Group e Notícias agrícolas.

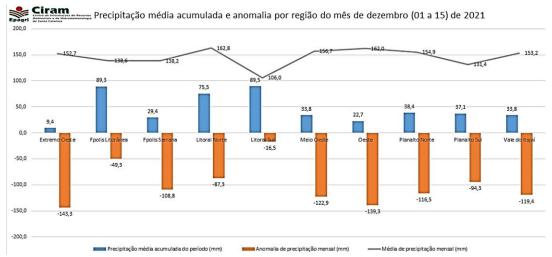
# Anomalia climática por região na Safra 2021/22

Para o período de 2021/22 foi inicialmente estimada uma produção de 2,71 milhões de toneladas (MT) na primeira safra, restabelecendo a produção média dos últimos anos. Com isso a área cultivada no estado se estabiliza em cerca de 330 mil hectares (Infoagro 2021).

Contudo, esta estimativa inicial está sendo revista devido ao déficit de chuva que já está ocorrendo em algumas regiões catarinenses. O monitoramento realizado pela Epagri/Ciram está registrando uma anomalia na precipitação nos meses de novembro e dezembro. Conforme se podem Observar na figura 5.1 as precipitações médias acumuladas por região apresentaram valores abaixo da precipitação média mensal em todo o Estado de Santa Catarina. Os menores valores registrados de chuva acumulada foram nas regiões do extremo oeste e planalto norte. Em dezembro de 2021, até o dia 15, choveu em média somente 9,4 mm no extremo oeste catarinense. Estes valores baixos de precipitação nesta época do ano, principalmente da região extremo oeste ao meio oeste e planalto norte, estão relacionados ao fenômeno "La Niña". Este fenômeno provoca a diminuição da temperatura das águas do oceano pacífico tropical central e oriental. A influência em Santa Catarina ocasiona chuvas abaixo do esperado para este período e aumento da temperatura. A consequência é a estiagem que estamos vivenciando pela diminuição da chuva e aumento da evapotranspiração para o ambiente. As regiões do Planalto Norte, Oeste e extremo Oeste foram as que apresentaram maior déficit hídrico em novembro e se intensificando em outras regiões na primeira quinzena de dezembro (Figura 5.1 e 5.2). O impacto no rendimento das lavouras já está sendo registrado em diferentes regiões e intensidades. A redução em relação à produtividade está sendo estimada entre 5 a 15% nas regiões citadas acima, caso persista o cenário de poucas chuvas estes índices de perdas deverão ser atualizadas e elevadas no próximo relatório.







Figuras 5.1 e 5.2. Precipitação média acumulada e anomalia por região nos meses de novembro e dezembro – Safra 2021/22

Fonte: Epagri/Ciram e Cepa, dezembro/2021.

# Condição das lavouras e calendário safra de verão de 2021/2022

O plantio realizado até semana de 1 a 6 de novembro alcança 92% da área estimada para a primeira safra (Tabela 1). Na maioria das regiões as lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo. As regiões do Oeste já registram lavouras em florescimento. A maior parte das lavouras está em boa condição de desenvolvimento, cerca de 90% até o momento. A condição ruim, em função da falta de chuvas está sendo registrada em algumas regiões e será atualizada no próximo boletim.

Tabela 1. Milho – Calendário de plantio e situação das lavouras, semana 28 de novembro até dia 4 de dezembro – Safra 2021/22

Produto	Plantio (%)	Des. Vegetativo (%)	Flores- cimento (%)	Frutifi- cação (%)	Maturação (%)	Condição Ruim (%)	Condição Média (%)	Condição Boa (%)
Milho grão 1ª Safra	96,8	54,6	45,4	0	0	0,8	8,2	90,4

Fonte: Epagri/Cepa. Novembro, 2021.



### Safra nacional de milho 2021/22<sup>2</sup>

A Conab eleva para 117,18 milhões de toneladas a estimativa atual para a safra 2021/22 (primeira e segunda safra), o que representa 34% de elevação em relação à safra anterior. O aumento da área em conjunto com a recuperação da produtividade embasa estas estimativas (Figura 6).

#### Demanda

Em relação aos dados de demanda doméstica, a Conab projeta em 72,3 milhões de toneladas a serem consumidas no ano safra 2020/21, um aumento de 5,4% quando comparada a 2019/20. A projeção é sustentada pelo desempenho das exportações da indústria de proteína animal e pelo aumento do consumo de milho destinado à produção de etanol. Desse modo, a Conab espera que esses setores permaneçam em crescimento e, assim, 76,8 milhões de toneladas deverão ser demandadas internamente ao longo da safra 2021/22



### Produção e mercado mundial<sup>3</sup>

Desde o relatório de novembro, a oferta dos principais exportadores inicialmente previstos diminuiu devido aos temores sobre a disseminação da variante *Omicron* do COVID-19. No entanto, a oferta se recuperou no início de dezembro no hemisfério Norte e na América do Sul. A oferta da Argentina subiu \$7/t, alcançando \$255/t e a preços do Brasil subiu \$11/t para \$270/t com a demanda de exportação da última safra. A oferta dos EUA subiu US\$8/t para US\$268 com a contínua demanda dos processadores domésticos e relatórios de vendas de exportação de 1,0 milhão de toneladas na semana encerrada em 25 de novembro que sustentaram os preços. A oferta ucraniana permaneceu relativamente estável, fechando em \$278, queda de \$2/t.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.10 – safra 2021/22, nº2 – Terceiro levantamento | dezembro 2021.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Usda. Foreign Agricultural Service/USDA 34 December 2021 Global Market Analysis.



# Milho - Silagem

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
<a href="mailto:httpl://https://h

# Milho para fins de silagem

A área cultivada com milho silagem tem apresentado um crescimento expressivo em Santa Catarina passando de 120 mil hectares na safra 2013/14 para 222 mil na 2020/21 (Infoagro,2021<sup>4</sup>). Esse crescimento, superior a 80% na área cultivada representa uma taxa aproximada de 13% ao ano no período analisado. Parte significativa desse aumento na área cultivada se deu sobre áreas originalmente cultivadas com milho grão e, também, sobre áreas ocupadas com pastagens naturais e naturalizadas. A expansão da área de milho silagem está diretamente relacionada ao expressivo crescimento e importância da produção leiteira em Santa Catarina sobretudo nas regiões de Concórdia, Chapecó e São Miguel do Oeste que concentram 60% da área cultivada no estado. Quanto ao rendimento, é estimado para a safra 2021/22 uma produtividade média estadual de 41,6 t/ha , recuperando assim a perda ocorrida na safra passada em função da estiagem. Os produtores investem em alta tecnologia de produção, mesmo em pequenas áreas, onde é necessária a produção de alimentação para os animais (silagem), especialmente no inverno e períodos de estiagens, quando as pastagens apresentam menor crescimento e tem menor participação na dieta das vacas.



Figura 1. Milho silagem – Santa Catarina: evolução da área, produção e produtividade 2016/22 – Estimativa inicial para cultivo na safra 2021/22 e variação em relação à safra 2020/22 – Calendário de plantio e situação das lavouras, semana 28 de novembro até dia 4 de dezembro – Safra 2021/22

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2021.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> https://www.infoagro.sc.gov.br/index.php/safra/producao-vegetal



### Situação Atual da Safra 2021/22

Com os baixos níveis de precipitação registrados em dezembro ( na primeira quinzena cerca de 2 a 4 mm), em especial na Região Oeste onde está concentrada a maior parte das lavouras de milho silagem (Figura 2) existe uma preocupação crescente com o desempenho das lavouras, tanto em produtividade quando em qualidade da silagem que será confeccionada. Em alguns locais das regiões entre São Miguel do Oeste e Chapecó, os produtores estão se antecipando, cortando e ensilando as lavouras antes destinadas para grãos para produção de silagem, que mesmo com baixa qualidade, terá menos perdas quando comparada as lavouras/silagens obtidas na safra de 2020. A antecipação da colheita, com grão não formado ou até sem a espiga afeta a qualidade da silagem, tanto na parte nutricional quanto na parte de conservação, pois a colheita antes da momento correto dificulta a compactação do material. É importante salientar que, previamente ao fornecimento as vacas, esse material ensilado deveria passar por um controle efetivo de microtoxinas que podem se desenvolver nos silos e for prejudicial a saúde dos animais.

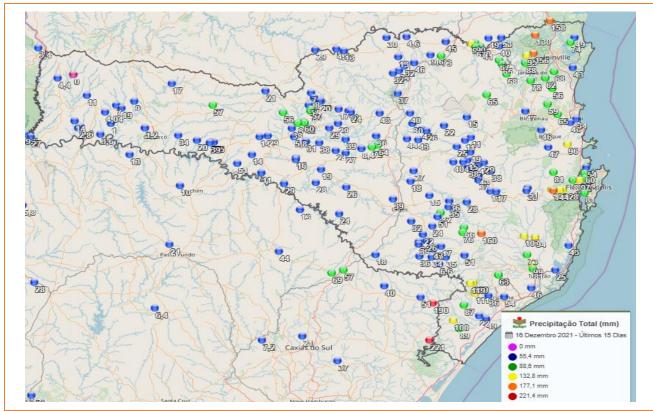


Figura 2. Milho silagem – Santa Catarina: precipitação total em dezembro nas diferentes regiões de Santa Catarina – Informações em 16/12/2021

Fonte: Epagri/Cepa, e Epagri/Ciram – Agroconect- dezembro/2021.



# Soja

Haroldo Tavares Elias Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa htelias@epagri.sc.gov.br

### Preços

Os preços, de janeiro a novembro de 2021 apresentaram média mensal de R\$165,69 (em valores corrigidos IGP-DI). Em Santa Catarina, o preço médio mensal em novembro foi de R\$171,81 (Figura 1). As cotações mensais têm oscilado em torno deste valor, em função do câmbio e/ou demanda internacional pela oleaginosa.

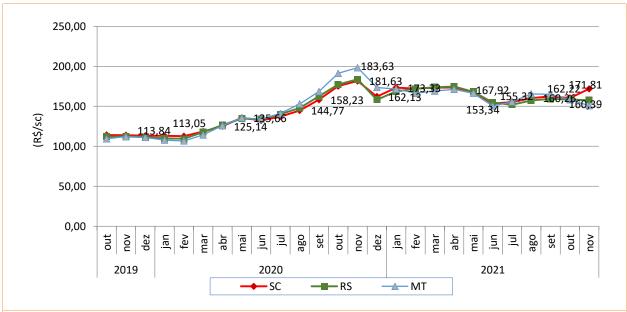


Figura 1. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-21 – corrigidos pelo IGP-DI, 2021

Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR e Agrolink (MT).

As cotações dos preços mensais da soja em Santa Catarina mostram uma variação temporal significativa. Em novembro, os preços registrados (média mensal corrigida pelo IGP-DI) tiveram uma elevação de 7,12% em 30 dias. No entanto a variação em 12 meses mostra uma redução de 5,5%. Já a variação nos últimos 24 meses foi de elevação de 50,92% (Figura 2), confirmando que, a pandemia foi um dos fatores relevantes nas cotações das commodities (milho, soja e trigo) no mercado internacional, seja devido ao câmbio ou pela demanda dos grãos no contexto da segurança alimentar.

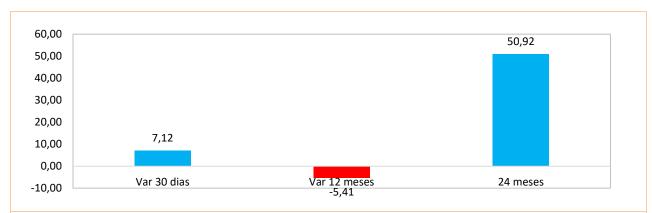


Figura 2. Soja em grão - Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor, variações em 30 dias, 12 meses e 24 meses em relação ao mês de novembro de 2021 – atualizado pelo IGP-DI, base novembro Fonte: Epagri/Cepa.

### Preços diários e tendências do mercado

O cenário atual mostra uma tendência de sustentação dos preços nos mercados externo e interno associada a estoques/consumo global e clima adverso para as lavouras da Região Sul do Brasil e da Argentina<sup>5</sup>, em decorrência do fenômeno La Niña. Na Bolsa de Chicago, do início de novembro até 16/12/21, os contratos futuros da soja em grãos com vencimentos em março e julho 2022 oscilaram entre US\$ 12,30 a US\$ 13,02/bushel. A estimativa da produção global de soja 2021/22 caiu ligeiramente este mês (no relatório do USDA de dezembro)<sup>6</sup> principalmente devido à menor produção de soja na China e no Paraguai. A produção mundial estimada caiu de 384,01 milhões de toneladas (MT) para 381,78 MT no relatório de dezembro. Em relação aos estoques finais (mundial), houve também uma redução, de 103,78 MT (em novembro), para 102,0 MT no relatório de dezembro. Estas informações contribuem para o fortalecimento dos preços no mercado internacional. Já a fortes alta dos insumos no decorrer de 2021, especialmente fertilizantes e defensivos, poderá o afetar a intenção de plantio global de soja em 2022/23 e a oferta futura do grão.

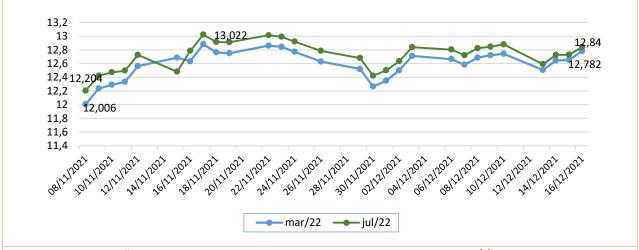


Figura 3. Soja em grão – Preços no mercado internacional, Bolsa de Chicago – US\$/buschel – Contratos para março e julho de 2022 no período amostrado Fonte: CME/Group e Notícias Agrícolas.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> PAS – Panorama Agrícola Semanal. Bolsa de Cereales. In: https://www.bolsadecereales.com/estimaciones-informes

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> USDA. Foreign Agricultural. Service/USDA 2 December. 2021 Global Market Analysis.



#### Safra 2021/22

Para a safra 2021/22 a estimativa inicial é de um aumento de 3,8% da área cultivada no estado em relação à safra anterior. A recuperação da produtividade aliada ao aumento da área deverá elevar a produção em 11,8%, alcançando assim cerca de 2,63 milhões de toneladas. Este prognóstico se refere a primeira safra, de verão. Desde 2020 o acompanhamento da safra realizado pela Epagri/Cepa separou as estimativas da primeira e segunda safras de soja no estado. Na safra anterior foram cultivados cerca de 42 mil hectares na segunda safra. Portanto, considerando a projeção, incluindo a área de cultivo da segunda safra, o estado de Santa Catarina poderá alcançar cerca de 725 mil hectares As regiões onde se concentram a maior área de cultivo são: Canoinhas, Xanxerê e Curitibanos/Campos Novos, que somam mais de 55% do total do estado. As projeções (Figura 1) se referem às estimativas iniciais e são atualizados todos os meses pela equipe da Epagri-Cepa ao longo da safra.

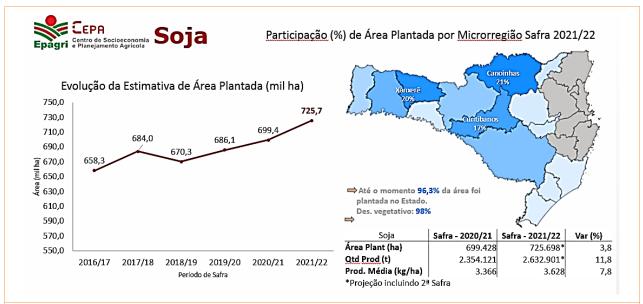


Figura 4. Soja – Santa Catarina: Área de cultivo, produção e produtividade na safra 2020/21 e comparativo com a safra 2021/2022 – Estimativa da safra de verão/primeira safra

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema de Informações Agropecuária.

### Calendário e condições das lavouras

O desenvolvimento das lavouras de soja - Safra de Verão 2021/22, referente ao calendário agrícola na primeira semana de dezembro, registra que, 54,8% da área prevista está semeadas, em fase de desenvolvimento vegetativo (Tabela 2). A condição das lavouras até o momento está boa em 97% da área da área implantada.

Estiagem: A estiagem registrada em várias regiões no estado (novembro e dezembro), até o momento não afetaram de maneira significativa o rendimento da soja. No próximo Boletim a Epagri/Cepa, por meio do acompanhamento dos agentes de mercado, terá condições de avaliar e relatar a situação por região de cultivo.

Tabela 1. Soja – Safra de Verão 2021/22, referente ao calendário agrícola de 28 de novembro a 4 de dezembro de 2021

Produto	Plantio (%)	Des. Vegetativo (%)	Florescimento (%)	Condição Ruim (%)	Condição Média (%)	Condição Boa (%)
Soja 1a safra	96,38	98,9	1,1	0	8	92

Fonte: Epagri/Cepa, novembro, 2021.



# Safra Nacional

# Safra 2021/22

(Comparativo com safra anterior) ÁREA PRODUTIVIDADE PRODUÇÃO 142.789,9 mil t 40.351,7 mil ha 3.359 kg/ha 3,7% 0.3%

A área cultivada com soja no Brasil deverá apresentar na safra 2021/22, crescimento de 3,7% em comparação à safra anterior, atingindo 40 milhões de hectares, enquanto a produção alcançará 142 milhões de toneladas, um aumento de 4% em relação à safra 2020/21. Em termos absolutos, a área cultivada de soja no Brasil tem aumentado cerca de um milhão de hectares por ano na última década. Já, para a safra 2021/22, devem ser incorporados a produção cerca de 1,5 milhão de hectares.

Figura 5. Soja em grão - Brasil: safra 2020/21, estimativas da área, produtividade e produção total e comparativo com a estimativa safra 2021/22

Fonte: Conab, relatório de dezembro, 2021.

### Exportações do complexo soja por Santa Catarina em 2021 – janeiro a novembro de 2021

As exportações do complexo soja por Santa Catarina em 2020 chegou a 1,93 milhões de toneladas (ME Secex, 2021). Em 2021 (até novembro) foram embarcadas 1,47 milhão de toneladas (Tabela 2). O ritmo está mais lento este ano, reflexo da paralização das atividades portuárias na China. As exportações de Santa Catarina estão concentradas na China (83% do total) e no item soja em grão (95% do total das exportações). Importante registrar que o valor FOB por tonelada teve uma evolução significativa em relação aos anos anteriores. Em 2020 foi US\$340,00/t (soja grão), enquanto em 2021 está em US\$490,00/t. um aumento superior a 44% no ano (ME. Secex, 2021). O movimento econômico foi de 718 milhões de dólares.

Produtos Exportados	Volume SC (t)	Valor SC (mil US\$)
Produtos de origem vegetal	1.477.029,79	718.483,27
Produtos do complexo soja	1.477.029,79	718.483,27
12019000-Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	1.414.727,40	647.232,48
12081000-Farinha de soja	15,06	29,53
15071000-Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	48.740,43	61.381,14
15079011-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade inferior ou igual a 5 litros	3.299,79	4.481,63
15079019-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade menor que 5 litros	813,49	1.079,08
15079090-Outros óleos de soja	48,46	68,21
23040090-Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	9.385,17	4.211,21
Total	1.477.029,79	718.483,27

Tabela 2. Soja - Exportações do complexo soja por Santa Catarina - 2019-21 (jan./nov.) - Composição das exportações do complexo soja

Fonte: ME. Secex. Consulta em 17/12/2021.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.9 – safra 2021/22, nº3 – Terceiro levantamento | dezembro 2021



# **Trigo**

João Rogério Alves Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa joaoalves@epagri.sc.gov.br

#### Mercado

No mês de novembro, as cotações de trigo tiveram ligeira alta. No mercado catarinense houve aumento de 2,68% em relação a outubro, fechando o mês em R\$85,77/saca 60kg. A variação anual de preços, em termos nominais, foi 6,24% superior ao preço médio praticado em novembro de 2020. O comportamento altista dos preços da saca de trigo também foi observado nos demais mercados acompanhados.

Tabela 1. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg											
Estado Nov./21 Out./21 Variação mensal (%) Nov./20 Variação anu											
Santa Catarina	85,77	83,53	2,68	80,73	6,24						
Paraná	87,43	87,34	0,10	75,37	16,00						
Mato Grosso do Sul	85,63	85,48	0,18	73,13	17,09						
Goiás	105,00	102,00	2,94	72,00	45,83						
Rio Grande do Sul	82,74	81,84	1,10	77,51	6,75						

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), dezembro/2021.

Com a colheita tecnicamente finalizada no mês de novembro, a Conab estima que a safra brasileira de trigo 2021/22 deverá crescer 23,3%. Entretanto, no comparativo entre o mês de outubro e novembro, foi registrado uma redução de 6,1%, passando de 8,2 para 7,7 milhões de toneladas. Essa redução nas estimativas de produção é resultado da diminuição da produtividade em vários estados, com destaque para o Paraná e o Rio Grande do Sul.

A perspectiva global do trigo para 2021/22 é de oferta reduzida, consumo ligeiramente superior, aumento do comércio internacional e redução dos estoques finais. O USDA (Departamento de Agricultura Norte-Americano), revisou suas projeções baixando o suprimento de 1,0 milhão de toneladas para 1.063,2 milhões, com base em reduções nos estoques iniciais e na produção. As projeções da produção mundial também foram reduzidas em 0,6 milhões de toneladas, ficando em 775,3 milhões, conforme diminuições na União Europeia (EU), no Reino Unido e no Uzbequistão. A produção da UE foi reduzida principalmente devido a revisões para baixo na França e na Alemanha.

Quanto ao consumo mundial, o USDA aumentou 0,4 milhão de toneladas, passando para 787,2 milhões. A previsão global para o comércio é de aumento de 3,5 milhões de toneladas para um recorde de 203,2 milhões, principalmente em função de maiores exportações da UE, Índia, Rússia e Ucrânia. Para os estoques finais globais, foi projetada uma redução de 1,4 milhões de toneladas, ficando em novembro em 275,8 milhões, com a Austrália, a UE e a Índia respondendo pela maior parte dessa redução.

Diante desse cenário mundial, no mercado brasileiro, apesar da maior disponibilidade interna, os preços seguiram firmes em novembro. Os fundamentos são os altos preços no mercado externo e a menor oferta mundial. Segundo o Cepea, boa parte dos produtores armazenou o cereal de maior qualidade, no intuito de negociá-lo no início do próximo ano, na expectativa de melhores preços. Do lado comprador, muitos estiveram à espera de queda nos valores, fundamentados na colheita recorde.



#### Safra Catarinense

Nas Microrregiões Geográficas (MRG's) de Canoinhas e São Bento do Sul, no Planalto Norte catarinense, a colheita de trigo já foi encerrada. A avaliação das condições de lavoura para essa região ficaram em 10% ruins; 20% médias e 70% em boas condições. As lavouras consideradas como 10% ruins, são áreas que foram atingidas por granizos, ventos e excessos de chuvas no final do ciclo (maturação), causando redução de produtividade e qualidade dos grãos. Para as demais áreas atingidas, a expectativa é de boa produtividade e qualidade dos grãos.

Para as MRG's de Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste, no Oeste e Extremo Oeste catarinense, a colheita também foi encerrada. O rendimento médio observado tem variado entre 3.000 e 3.900 kg/ha, com PH variando entre 75 e 83. Essas variações podem ser atribuídas a problemas climáticos, como excesso de chuvas e ventos fortes que prejudicaram as lavouras na fase final do ciclo de produção.

Nas regiões de maior altitude e mais frias do estado, que abrange as MRG's de Curitibanos, Campos de Lages e Joaçaba, localizadas no Planalto Sul Catarinense, Planalto Serrano e Meio Oeste, respectivamente, as lavouras se encaminham para a conclusão da colheita. Nas últimas semanas, as condições climáticas favoreceram a conclusão da fase de maturação, bem como as operações de colheita. A expectativa de técnicos e produtores é de "safra cheia", com produtividade média acima de 4.200 kg/ha.

Em todo estado, cerca de 90,5% da área destinada à triticultura já foi colhida. Em relação a área plantada, a estimativa é de crescimento de 76% em relação à safra anterior. A produtividade também irá crescer cerca de 15%. Como resultado, teremos uma safra maior em cerca de 101%, com uma produção total estimada de 346,6 mil toneladas. A redução na produção observada nesse último mês se deve a ocorrência de ventos fortes, que provocaram acamamento em muitas lavouras, além de excesso de chuvas na fase final da maturação, que prejudicaram a qualidade e quantidade dos grãos colhidos.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22											
	9	Safra 2020/2	21	Estima	tiva – Safra	2021/22	Variação (%)				
Microrregião	Área	Produção	Produtiv.	Área	Produção	Produtiv.	Áraa	Produção	Produtiv.		
	(ha)	(t)	(kg/ha)	(ha)	(t)	(kg/ha)	Area	Produção	Produtiv.		
Campos de Lages	634	1.285	2.027	3.466	9.435	2.722	447	634	34		
Canoinhas	13.300	46.780	3.517	22.700	77.860	3.430	71	66	-2		
Chapecó	13.493	35.785	2.652	24.420	74.944	3.069	81	109	16		
Concórdia	1.121	3.355	2.993	1.810	6.540	3.613	61	95	21		
Curitibanos	9.040	29.212	3.231	14.320	63.774	4.453	58	118	38		
Ituporanga	781	2.032	2.601	1.940	4.488	2.313	148	121	-11		
Joaçaba	3.987	9.779	2.453	6.016	22.077	3.670	51	126	50		
Rio do Sul	250	605	2.420	1.060	2.430	2.292	324	302	-5		
São Bento do Sul	700	2.310	3.300	1.150	3.903	3.393	64	69	3		
São M. do Oeste	4.595	11.870	2.583	8.260	24.859	3.010	80	109	17		
Xanxerê	10.531	29.065	2.760	17.450	56.300	3.226	66	94	17		
Santa Catarina	58.432	172.079	2.945	102.592	346.609	3.379	76	101	15		

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2021.



# **Hortaliças**

# Alho

Jurandi Teodoro Gugel Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

Neste ano a produção de alho no Brasil deverá fechar o ano com expansão na área plantada e ganhos em produtividade. Segundo as informações de associações de produtores de alho dos principais estados produtores e da Associação Nacional dos Produtores de Alho (Anapa), o ano está fechando com significativa mudança na história recente da cultura no país. Nesse sentido, levantamentos extraoficiais indicam o plantio de aproximadamente 16 mil hectares, crescimento acima de 30% na área plantada em relação à safra 2020. As principais contribuições para esse avanço decorrem do aumento da área plantada principalmente nos estados de Minas Gerais e Goiás, onde a cultura alcança consistentes ganhos em produtividade. Associado à maior eficiência produtiva, há em curso uma estratégia de marketing e valorização do alho nacional junto ao consumidor que já apresenta bons resultados em termos de identidade do produto brasileiro, valorizando a alta qualidade da hortaliça nacional.

Diferentemente das regiões do centro do país, a cultura do alho em Santa Catarina é produzida em pequenas propriedades por agricultores familiares. Segundo o IBGE (2017) são mais de 3.600 estabelecimentos com produção comercial de alho, cuja área média é pouco mais de 0,5 hectares.

Estas características do sistema de produção do alho catarinense apontam para a necessidade de ações das políticas públicas de apoio à agricultura familiar em função da importância socioeconômica para o estado, seja pelo valor da produção, pelos milhares de postos de trabalho gerados na cadeia produtiva ou pela dinamização das economias locais onde há o cultivo da hortaliça.

Nesse sentido, é fundamental a manutenção e ampliação de ações como pesquisa e desenvolvimento de novos cultivares, sementes livres de vírus, crédito rural, assistência técnica, Proagro e Seguro Rural, que contribuem para maior segurança econômica dos produtores e mantém a atividade competitiva, visto o aumento da produção em grande escala que vem ocorrendo em estados do centro do país, como Minas Gerais e Goiás.

#### Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de novembro a R\$14,06/kg, apresentando redução de 2,16% em relação ao início do mês de outubro. Contudo, o preço fechou o mês de novembro cotado a R\$14,65/kg, representando aumento de 4,19% no mês. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$15,64/kg para R\$16,35/kg, aumento de 4,54%, e o alho classe 7 fechou novembro no valor de R\$16,85/kg, redução de 5,01% no mês.

O mês de dezembro iniciou com os preços de atacado com pequena baixa para o alho de todas as classes. A redução de preços em relação ao final do mês de novembro foi de 1,41% para o alho classe 5, de 3,54% para o alho classe 6 e de 3,71% para o alho classe 7.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4/5 apresentaram redução de preços no mês de novembro, que no seu início foi de R\$15,00/kg, passando para R\$13,50/kg no final do mês, redução de 10%. Mantendo a mesma lógica, o alho classes 6 e 7, iniciou o mês a R\$16,00/kg, fechando novembro a R\$15,50/kg, redução de 3,12%.



### Produção

Em novembro, a safra catarinense de alho 2021/22 se apresentava no final do desenvolvimento vegetativo/maturação e intensificação da colheita em todas as regiões produtoras.

As condições climáticas para a safra do alho, até o momento, foram favoráveis ao bom desenvolvimento da cultura em Santa Catarina. As chuvas bem distribuídas, bem como as temperaturas foram adequadas à cultura de modo geral em todo o ciclo. Estas condições proporcionaram que as lavouras se desenvolvessem em condições favoráveis à produção de bulbos de qualidade, tanto em relação ao calibre, quanto em sanidade. Dessa forma, os produtores catarinenses estão colhendo uma safra que lhes permitirá armazenar o produto por maior tempo e com isso, escalonar a comercialização, administrando a oferta com maior equilíbrio no mercado.

Em relação à área plantada, segundo o acompanhamento sistemático do projeto safras da Epagri/Cepa de novembro, em Santa Catarina foram plantados 1.808 hectares, crescimento de 5,3% em relação à estimativa inicial da safra. A expectativa de produção da hortaliça em Santa Catarina para esta safra é de 19.109,5 toneladas, com um rendimento médio esperado de 10.569 kg/ha. No início da safra a expectativa era de uma produtividade de 10.206kg/ha, crescimento de 3,55% em relação ao esperado no início da safra.

#### Comércio exterior

Em novembro de 2021 foram importadas apenas 3,57 mil toneladas de alho, o menor volume mensal para o mês dos últimos cinco anos, questão que se repete desde julho do corrente ano. Neste ano foram importadas, de janeiro a novembro 112,05 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 178,88 mil toneladas, portanto redução de 42,09% no período comparado, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela	Tabela 1. Alho – Brasil: importações de janeiro/2017 a novembro/2021 (mil t)												
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9.39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	-	112,05

Fonte: Comexstat/ME: dezembro/2021.

Com relação ao preço médio (FOB) do alho importado, em novembro verificou-se um aumento, embora pequeno, em relação ao mês de outubro, passando de U\$\$1,19/kg, para U\$\$1,33/kg, ou seja, aumento de 11,76%, conforme exposto na figura 1.

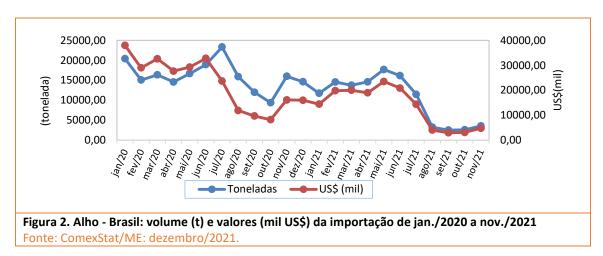


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – jan./2020 a nov./2021 (US\$/kg)

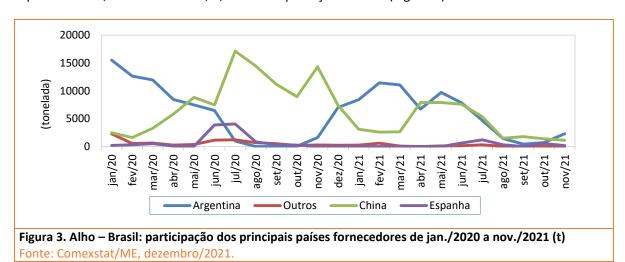
Fonte: ComexStat/ME: dezembro/2021.



Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a novembro de 2021. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de novembro/21 foi de US\$4,77 milhões (FOB), aumento de 53,42% em relação a outubro, quando foram gastos US\$3,1 milhões. O volume importado passou de 2,61 mil toneladas para 3,57 mil toneladas, aumento de 36,78% no mês.



No mês de novembro, os fornecedores de alho para o Brasil foram a Argentina com 2,29 mil toneladas, perfazendo 64,14% da importação no mês, a China com 1,10 mil toneladas, representando 30,81% do total e a Espanha com 0,16 mil toneladas, 4,48% da importação no mês (Figura 3).



Como registrado em outras edições do Boletim Agropecuário, a cadeia produtiva do alho, diante da importância socioeconômica da hortaliça desde os anos 1960, requer uma articulação e visão estratégica em relação ao seu futuro no estado. Desta forma, seja pelos debates que vêm ocorrendo no estado, seja pelas boas perspectivas de resultados que a atual safra apresenta para os produtores, a cadeia está se movimentando no sentido de viabilizar um projeto de desenvolvimento para a cultura no estado.

Nesse sentido a câmara técnica da cultura do alho do CDRural, em reunião no dia 15/12/2021 encaminhou um conjunto de demandas de políticas públicas, como maior rigor do estado na fiscalização da entrada do produto nas fronteiras de acordo com as normas do Mercosul, maior envolvimento da estrutura do estado na construção e divulgação da IG do Alho Roxo do Planalto Catarinense, manutenção das estações meteorológicas da região produtora de alho, ações da SAR em apoio à pesquisa sobre a cultura, financiamentos para a produção e aquisição de sementes de qualidade superior e livre de vírus, dentre outros.



O conjunto de esforços que envolve o setor público e os agricultores e suas organizações busca a revitalização da cultura do alho no estado. Neste sentido, o trabalho articulado para obtenção da IG do Alho Roxo do Planalto Catarinense pode ser um marco de envolvimento de produtores e organizações para a consolidação de uma estratégia de desenvolvimento da cultura no estado. Desta forma, a cadeia produtiva do alho catarinense está dando passos importantes e necessários na busca por maior competitividade da produção no estado e com isso manter a cultura do alho como alternativa de trabalho e renda para o segmento da agricultura familiar no estado.



# Cebola

Jurandi Teodoro Gugel Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A safra catarinense de cebola se encontra em parte, na fase final do desenvolvimento dos bulbos e parte significativa em maturação e colheita, como na Região do Alto Vale do Itajaí e Microrregião da Serra do Tabuleiro e Tijucas.

As condições climáticas durante praticamente todo o ciclo de desenvolvimento foram favoráveis para a cultura, exceto no período de 15 de outubro a 20 de novembro quando ocorreram chuvas mais frequentes e redução na luminosidade, propiciando condições para o desenvolvimento de doenças foliares, obrigando os produtores a intensificar a aplicação de agrotóxicos para o controle de doenças em geral, com consequente aumento do custo de produção.

### Preços e mercado

O abastecimento do mercado nacional de cebola nos últimos meses foi viabilizado pela produção das regiões de São Paulo, Nordeste, Cerrado e Triângulo Mineiro, que praticamente fecharam a safra no mês de novembro.

No mês de novembro teve início a comercialização da safra de cebola do Sul do país cuja produtividade e qualidade dos bulbos está surpreendendo positivamente. As cotações iniciais ao produtor abriram entre R\$1,40/kg a R\$1,50/kg, com demanda aquecida pela cebola sulista, principalmente pela qualidade do produto.

Em Santa Catarina, à medida que a colheita foi ocorrendo, o mercado foi reagindo positivamente, puxado pela redução da oferta da hortaliça das regiões centrais do país e pela excepcional qualidade da cebola catarinense nessa safra. Também está contribuindo para a conjuntura de mercado favorável, a estratégia de escalonamento da comercialização da safra pelos produtores, favorecida pela alta qualidade dos bulbos que permitem seu armazenamento por período maior, se necessário.

Na Ceagesp/SP, na primeira semana de novembro, o preço da cebola média foi de R\$2,01/kg, aumento de 42,5% em relação aos preços praticados no início de outubro, que foi de R\$1,41/kg. O mês fechou com preço de R\$2,14/kg, aumento de 6,47% no mês.

O mês de dezembro iniciou com cotações se mantendo acima de R\$2,15/kg, com sucessivas melhorias durante a primeira quinzena, atingindo R\$2,39/kg no dia 15/12, aumento de 11,16% em relação ao início do mês.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de novembro iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$1,75/kg, aumento de 59,09% em relação ao início do mês de outubro. No início da segunda quinzena, os preços mantiveram a tendência de elevação, passando a R\$2,00/kg, aumento de 14,28% em relação ao início do mês, preço que se manteve até o final da primeira quinzena de dezembro. A cebola argentina se manteve ao preço de R\$2,25/kg durante todo o mês de novembro e a primeira quinzena de dezembro.

#### Safra catarinense

Conforme dados do acompanhamento de campo do projeto safras da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 2021/22 se encontra no final do ciclo de desenvolvimento com final de colheita prevista até o final do próximo mês. Ainda conforme os dados do projeto, na safra atual em Santa Catarina foram plantados 17.458ha, com produção estimada de 504,26 mil toneladas.

Em função da boa recuperação das lavouras que foram afetadas entre 15 de outubro e 20 de novembro



com excesso de umidade e baixa luminosidade, em algumas regiões é possível que o estado supere a estimativa de novembro que foi de 504 mil toneladas para algo próximo a 515 mil toneladas, que associada a ótima aceitação e demanda de mercado contribui para retornos econômicos positivos aos produtores.

### Importação

De acordo com os dados do Siscomex/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. Tradicionalmente, o período do ano em que há maior volume de entrada de cebola estrangeira no país são os meses de março, abril, maio e junho. Neste ano, devido à grande oferta do produto nacional proporcionada pelas regiões do Nordeste e centro do país, associada ao câmbio elevado, as importações foram reduzidas desde o mês de maio comparativamente aos anos anteriores. Os volumes importados de janeiro a novembro do corrente ano somam 115,9 mil toneladas, redução de 81,8 mil toneladas em relação ao mesmo período do ano passado, conforme mostra a Tabela 1.

Tabel	Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2018 a novembro de 2021 (t)												
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	197.756
2021	910,8	14.808	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	-	115.950

Fonte: ComexStat/ME, dezembro/2021.

Historicamente o Brasil é um mercado importante para a cebola produzida em alguns países, notadamente para a Argentina, Chile e Países Baixos, como pode ser visto na tabela 2. Nela apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2020 e de janeiro a novembro de 2021, com os respectivos volumes e valores totais em US\$ (FOB).

Em 2020 se destacaram, a Argentina, com volume de 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado, Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total e os Países Baixos com 14,3 mil toneladas, perfazendo 7,23% do total importado

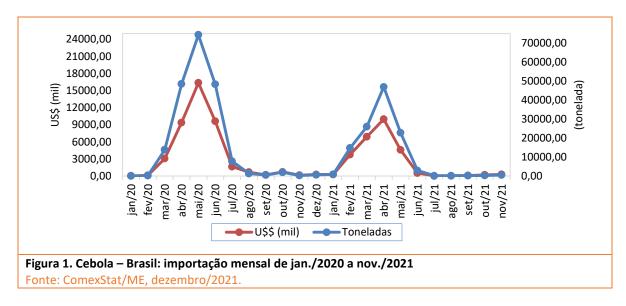
Em 2021, importamos dos vizinhos argentinos até novembro, 98,27 mil toneladas, 84,94% do volume total. Em seguida vem os Países Baixos com 8,65 mil toneladas, 7,47% do total e o Chile com 7,15 mil toneladas significando 6,18% do total importado. O preço médio (FOB) em 2020 foi de US\$0,21/kg e em 2021, se mantém em US\$0,223/kg, aumento de 5,8% em relação à média do ano passado. O total de pouco mais de 115,9 mil toneladas de cebola importada neste ano pelo país, custou um desembolso de US\$25,76 milhões (FOB).

Países	2020		2021	
	(US\$ mil) FOB	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)
Argentina	26.244,2	155.098,9	19.162,26	98,277,3
Chile	8.782,1	23.142,5	2.888,34	7.155,4
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	3.161,48	8.651,1
Espanha	2.080,8	4.751,5	409,52	1.481,1
Nova Zelândia	118,2	234,0	58,3	104
Uruguai	0,00	0,00	84,93	224,5
Peru	49,5	122,0	0,00	0,0
Reino Unido	29,6	78,0	0,00	0,0
Bélgica	11,0	28,0	0,00	0,0
Total	42.291,9	197.756,7	25.764,83	115.95

Fonte: ComexStat/ME, dezembro/2021.



Em novembro foram importadas apenas 0,55 toneladas de cebola, aumento de 68,19% em relação ao mês passado, quando foram importadas 0,327 mil toneladas. Os números de novembro indicam a tendência de fechamento do ano com o menor volume de importação dos últimos anos (Figura 1). Contribuíram para isso o câmbio com cotação elevada do dólar que afeta a competitividade da cebola estrangeira, dentre outros, favorecendo o produto nacional.



No mês de novembro, os únicos países fornecedores da hortaliça ao Brasil foram a Espanha com 333 toneladas e a Argentina com 216,8 toneladas, conforme mostra o comportamento das importações de cebola apresentado abaixo (Figura 2).

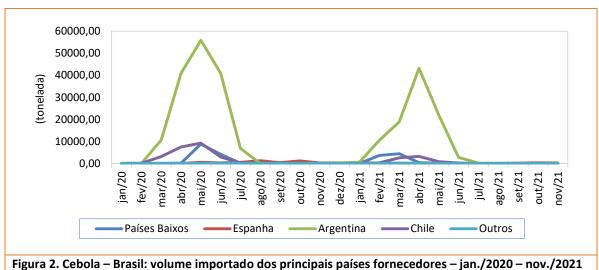


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2020 – nov./2021 Fonte: ComexStat/ME, dezembro/2021.

De acordo com as informações do acompanhamento sistemático de safras realizado pela Epagri/Cepa, no mês de novembro e início de dezembro a safra de cebola 2021/22 em Santa Catarina está tendo, no seu ciclo final de desenvolvimento, condições muito favoráveis a formação de bulbos de excelente qualidade para o mercado. Além das condições climáticas favoráveis reinantes desde meados de novembro, contribuem de forma direta nos bons resultados deste ano, as inovações no manejo da cultura e os novos cultivares lançados nos últimos anos pela Epagri como a Valessul, que já desfruta de posição consolidada no mercado, sendo a mais plantada em Santa Catarina.



# Pecuária

# **Avicultura**

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

### Preços

Nas primeiras semanas de dezembro, os preços do frango vivo apresentaram movimentos distintos, de acordo com o estado. Quando comparados aos preços do mês anterior, Paraná registrou queda de 5,8%, enquanto Santa Catarina apresentou alta de 0,9% no mesmo período. Em relação a São Paulo, não houve divulgação de preços ao longo de dezembro por parte do órgão responsável. Em relação a dezembro de 2020, a variação é de 28,7% em Santa Catarina e de 20,0% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,7%, segundo o IPCA/IBGE.

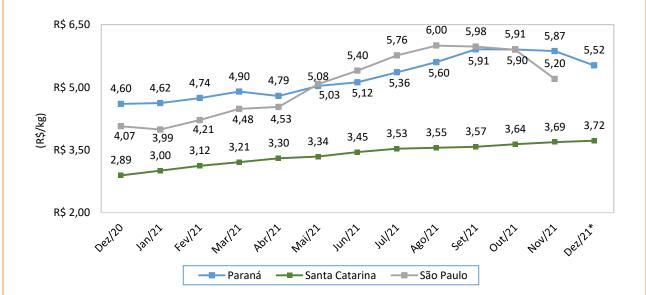


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio<sup>(1)</sup> mensal aos avicultores (R\$/kg)

(1) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

Em Santa Catarina, registraram-se altas na maioria das praças na comparação entre as primeiras semanas de dezembro e a média do mês anterior: 2,1% em Chapecó e 0,2% no Sul Catarinense. Em Joaçaba, os preços permaneceram inalterados nesse período.

<sup>\*</sup> Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021. Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).



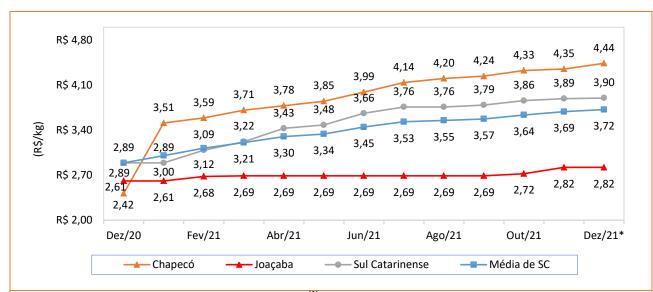


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio<sup>(1)</sup> pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)
<sup>(1)</sup>Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Nas primeiras semanas deste mês, observaram-se movimentos distintos nos preços da carne de frango no mercado atacadista, de acordo com o tipo de corte. Dos quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, dois apresentaram variação negativa em relação a novembro: coxa/sobrecoxa congelada (-7,5%) e frango inteiro congelado (-2,4%). Por outro lado, o filé de peito congelado e o peito com osso congelado apresentaram altas: 1,9% e 0,1%, respectivamente. A variação média foi de -2,0%. Esse é segundo mês seguido de queda, após um consistente movimento de alta que perdurava desde meados de fevereiro. A variação acumulada no ano é de 29,6%.

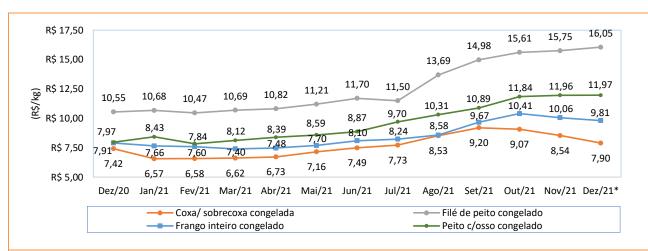


Figura 3. Carne de frango - Santa Catarina: atacado - preço médio mensal estadual (R\$/kg)

\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021. Fonte: Epagri/Cepa.

Segundo pesquisadores do Centro de Estudos Avançado em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP), as cotações da carne de frango têm recuado nas últimas semanas devido à lentidão nas vendas da proteína nos mercados interno e externo. Contudo, há perspectiva de que a demanda aumente na última quinzena, principalmente em função da substituição da carne bovina por opções mais baratas para as festividades de final de ano.

<sup>\*</sup> Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021. Fonte: Epagri/Cepa.



Na comparação entre os valores preliminares de dezembro com o mesmo mês de 2020, verifica-se que todos os cortes apresentam altas significativas: filé de peito (52,2%), peito com osso (50,2%), frango inteiro (24,1%) e coxa/sobrecoxa (6,5%). A variação média no período foi de 33,2%.

#### Custos

Em novembro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou queda de 1,4% em relação ao mês anterior. A alta acumulada nos últimos 12 meses é de 15,1%, decorrente essencialmente do aumento nos gastos com nutrição. No ano, a alta é de 18,0%.

Depois de quatro meses de queda, a relação de equivalência insumo-produto voltou a apresentar alta nas primeiras semanas de dezembro, embora ainda em patamar reduzido. A variação em relação ao mês anterior é de 0,2%, resultante da alta de 2,6% no preço de atacado do milho na praça de Chapecó, parcialmente compensada pela alta de 2,1% no preço do frango vivo. Quando se compara o valor atual com dezembro de 2020, observa-se queda de 13,8% nesse indicador.

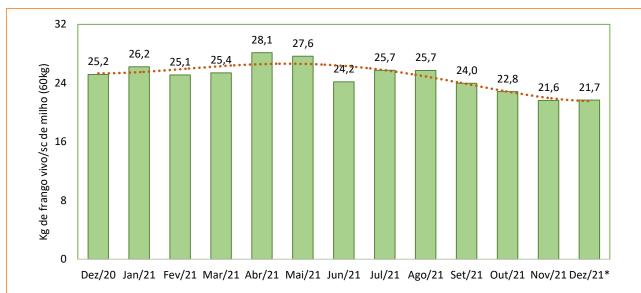


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho
Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do
milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

\* O valor de dezembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/dez./2021. Fonte: Epagri/Cepa.

Em dezembro de 2020, eram necessários 25,2kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, enquanto no corrente mês são necessários 21,7kg para adquirir o mesmo produto.

## Comércio exterior

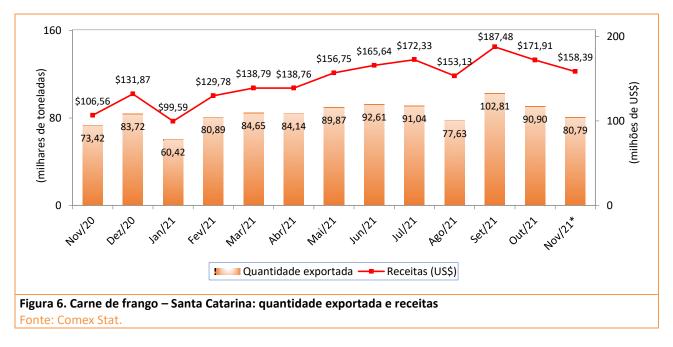
Em novembro, o Brasil exportou **322,89 mil toneladas** de carne de frango (in natura e industrializada), queda de **15,9%** em relação ao mês anterior e de **-5,4%** na comparação com novembro de 2020. As receitas foram de **US\$590,69 milhões**, **-15,6%** em relação a outubro, mas alta de **26,2%** na comparação com novembro do ano passado.



De janeiro a novembro, o Brasil exportou **4,07 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$6,79 bilhões**, alta de **8,4%** em quantidade e de **24,6%** em valor na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango no período supramencionado são China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 50,7% das receitas.

Santa Catarina exportou **80,79 mil** toneladas de carne de frango em novembro (*in natura* e industrializada), queda de **11,1%** em relação ao mês anterior, mas alta de **10,0%** na comparação com novembro de 2020. As receitas foram de **US\$158,39 milhões**, **-7,9%** em relação ao mês anterior e alta de **48,6%** na comparação com novembro de 2020.



O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em novembro foi de **US\$1.901/tonelada**, alta de **4,7%** em relação ao mês anterior e de **36,4%** na comparação com novembro de 2020.



De janeiro a novembro, Santa Catarina exportou um total de **935,74 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,67 bilhão**, alta de **6,2%** em quantidade e de **22,5%** em valor na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,6%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango nos onze primeiros meses do ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 56,7% das receitas e 51,7% da quantidade exportada pelo estado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a nov. de 2021							
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)					
Japão	273.661.654,00	146.900					
China	182.234.017,00	93.482					
Países Baixos (Holanda)	169.523.818,00	69.417					
Arábia Saudita	162.005.861,00	87.512					
Emirados Árabes Unidos	160.917.302,00	86.435					
Demais países	724.218.885,00	451.990					
Total	1.672.561.537,00	935.736					

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos do frango catarinense, oito apresentaram alta nas receitas acumuladas no ano, destacando-se Japão (26,3%), Arábia Saudita (39,8%) e Emirados Árabes Unidos (55,5%). Vale também mencionar os crescimentos observados nos embarques para o Chile (90,1%) e Filipinas (164,0%). As variações negativas, por sua vez, são registradas nas receitas dos embarques para China (-7,0%) e Singapura (-15,7%).



# Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

#### Preços

Nas primeiras semanas de dezembro, os preços do boi gordo apresentaram fortes altas em todos os estados acompanhados, de forma semelhante ao que foi observado no mês anterior: 11,6% em Goiás, 10,8% em Minas Gerais, 9,6% no Mato Grosso, 8,0% em São Paulo, 7,2% no Mato Grosso do Sul, 7,1% no Rio Grande do Sul, 7,1% no Paraná e 4,2% em Santa Catarina.

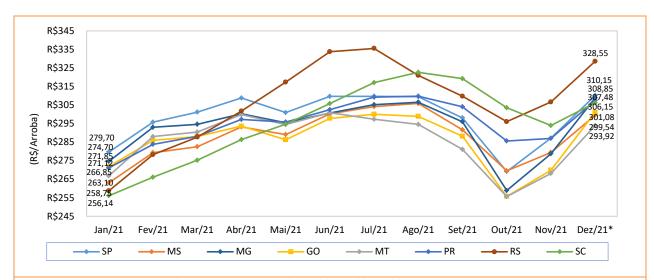


Figura 1. Boi gordo –  $SC^{(1)}$ ,  $SP^{(2)}$ ,  $MG^{(2)}$ ,  $GO^{(2)}$ ,  $MT^{(2)}$ ,  $MS^{(2)}$ ,  $PR^{(3)}$  e  $RS^{(4)}$ : evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021. Fontes: <sup>(1)</sup>Epagri/Cepa; <sup>(2)</sup>Cepea; <sup>(3)</sup>SEAB; <sup>(4)</sup>Nespro.

Esse movimento de alta observado no último bimestre é decorrente da baixa oferta de animais prontos para abate e da elevação sazonal da demanda observada nesse período. Mesmo num contexto de crise econômica, as festividades de final de ano e a injeção de recursos do 13º salário na economia promovem aumento da demanda em relação aos meses anteriores.

Em relatório publicado recentemente, o Rabobank estima queda de 3,5% na produção total de carne bovina em 2021, devido principalmente à retenção de gado. Em relação ao consumo, a entidade estima queda de 4% a 5% este ano.

Na comparação entre os preços praticados em dezembro de 2020 com os valores atuais, são observadas altas em todos os estados analisados: 31,8% no Rio Grande do Sul, 20,1% no Mato Grosso do Sul, 20,0% em Santa Catarina, 18,9% em São Paulo, 18,6% em Minas Gerais, 17,7% no Mato Grosso, 17,6% em Goiás e 16,8% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,7%, segundo o IPCA/IBGE.

As duas praças de referência do preço do boi gordo em Santa Catarina apresentam variações positivas nos preços de dezembro, quando comparados ao mês anterior: 10,0% em Lages e 2,2% em Chapecó. Em relação a dezembro de 2020, se verificam altas nos dois casos: 27,2% em Lages e 17,3% em Chapecó.



Fonte: Epagri/Cepa.

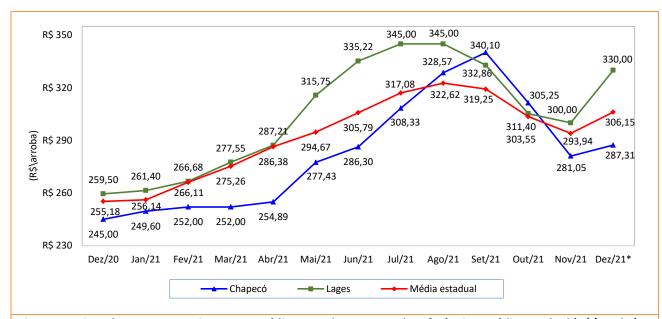


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba) \* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021.

Depois de três meses de predominância de quedas, nas duas primeiras semanas de dezembro os preços de atacado da carne bovina voltaram a apresentar altas: 3,2% na carne de traseiro e 2,2% na carne de dianteiro. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de 2,7%. No acumulado do ano, se registra alta de 19,2% no preço médio.

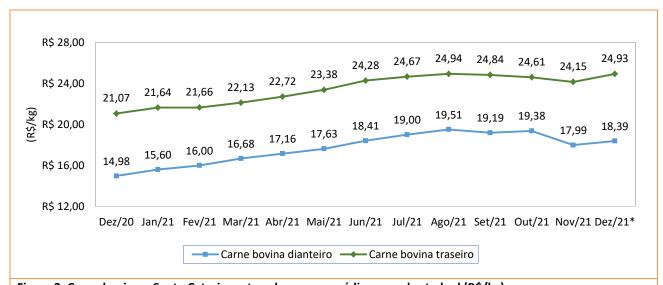


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021. Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em dezembro de 2020, observam-se altas de 22,8 % para a carne de dianteiro e de 18,3% para a carne de traseiro, com média de 20,6%.

Segundo pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP), o baixo poder de compra da população vem limitando a demanda pela proteína, o que pode contribuir para evitar altas mais expressivas nos valores da carne bovina ao longo dos próximos meses.



#### Custos

Nas primeiras semanas de dezembro, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram variações negativas nos preços pagos ao produtor. Em relação a novembro, as quedas são de 3,8% para os bezerros de até 1 ano e 1,5% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com dezembro de 2020, as variações ainda são positivas: 36,1% para os bezerros e 45,9% para os novilhos.

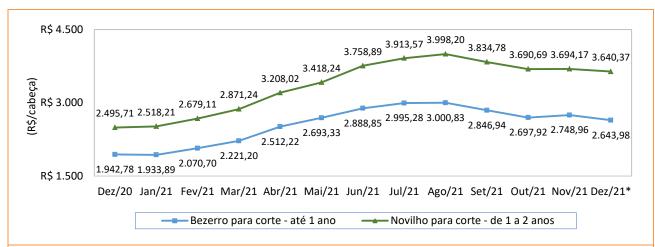


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça) \* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021. Fonte: Epagri/Cepa.

#### Comércio exterior

Em novembro, o Brasil exportou **100,1 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de **7,2**% na comparação com o mês anterior e de **49,2**% em relação a novembro de 2020. As receitas foram de **US\$493,66 milhões**, **-8,5**% em relação ao mês anterior e **-41,5**% na comparação com novembro de 2020. Esse é o menor volume mensal exportado desde junho de 2018, quando os embarques foram afetados pela paralisação de caminhoneiros e empresas do setor de transporte de cargas.





Esses números são decorrentes, essencialmente, da suspensão das exportações para a China, principal comprador brasileiro, após a confirmação de dois casos atípicos de encefalopatia espongiforme bovina (conhecida como "vaca louca") no Brasil, no mês de setembro. Com isso, o principal destino da carne bovina brasileira em novembro foram os Estados Unidos, responsáveis por 22,6% das receitas brasileiras naquele mês.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo país em novembro foi de **US\$5.790/tonelada**, valor **12,1%** acima do mês anterior e **31,5%** maior que novembro de 2020.

De janeiro a novembro, o Brasil exportou **1,69 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$8,47 bilhões** em receitas, queda de **8,1%** em volume, mas alta de **9,5%** em valor na comparação com o mesmo período de 2020. A participação de China e Hong Kong, que desde o ano passado superava o patamar de 60%, caiu para 54,9% das receitas com as exportações desse produto no ano.

Com o embargo dos últimos meses, registrou-se queda nas exportações acumulada no ano para a China: -4,3% em receitas e -17,5% em quantidade, na comparação com o mesmo período de 2020. Hong Kong, o segundo principal destino, também apresentou variações negativas no período: -28,7% em receitas e -34,2% em quantidade. Por outro lado, variações positivas são observadas em outros importantes destinos, principalmente Estados Unidos (90,5% em valor e 81,5% em quantidade) e Chile (35,5% e 9,6%).

No dia 15 de dezembro, o governo chinês comunicou ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil que os frigoríficos brasileiros habilitados estavam novamente autorizados a exportar carne bovina para aquele país, interrompendo a suspensão imposta no início de setembro. Com isso, espera-se que os embarques sejam normalizados a partir das próximas semanas.

Ante disso, em fins de novembro, o governo chinês já havia liberado a entrada de carne bovina brasileira exportada antes da suspensão das compras e que aguardava liberação nos portos daquele país.

Em meados de novembro, a Rússia informou ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) a abertura de uma cota de 300 mil toneladas para importações de carnes com tarifa zero, sendo 200 mil toneladas para carne bovina e 100 mil para suína. Atualmente vigora uma tarifa de importação de 15% para um volume de até 530 mil toneladas. A medida valerá por seis meses.

Juntamente com o anúncio da liberação da cota sem tarifa de importação, o governo russo divulgou a lista de 12 novas unidades de abate autorizadas a exportar carne para aquele país, sendo 3 de carne bovina e 9 de carne suína.

Santa Catarina exportou **335 toneladas** de carne bovina em novembro, com faturamento de **US\$1,24 milhão**, altas de 104,0% e 100,6% em relação ao mês anterior, respectivamente. No acumulado do ano, o estado exportou **2,95 mil toneladas**, com receitas de **US\$11,20 milhões**, alta de 3,5% em quantidade e de 27,2% em receitas.



# Suinocultura

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

### Preços

Nas primeiras semanas de dezembro, os preços do suíno vivo voltaram a registrar predominância de altas

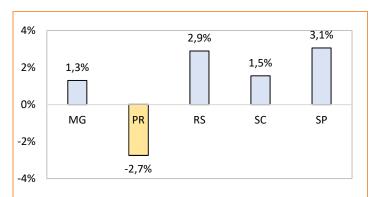


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (novembro/dezembro de 2021\*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021.

na maioria dos estados analisados (Figura 1). Isso se deve, em grande parte, ao crescimento da demanda por carne suína para festividades de final de ano. Esse fenômeno costuma ser observado todos os anos e as agroindústrias inclusive ampliam a oferta dos cortes mais demandados nesse período, como é o caso do pernil e do lombo. Em 2021 espera-se um impulso extra nesse processo, já que a crise econômica e os elevados preços da carne bovina devem desestimular o consumo dessa proteína, em detrimento de opções de menor custo, como é o caso da carne suína. Contudo, a elevada oferta de animais para abate pode limitar o processo de recuperação dos preços ao produtor.

Na comparação entre os preços preliminares de dezembro e aqueles praticados no mesmo mês de 2020, observam-se quedas em todos os estados analisados: -17,5% no Rio Grande do Sul, -12,5% no Paraná, -11,9% em Santa Catarina, -3,4% em São Paulo e -1,1% em Minas Gerais. A inflação acumulada no período foi de 10,7%, segundo o IPCA/IBGE.

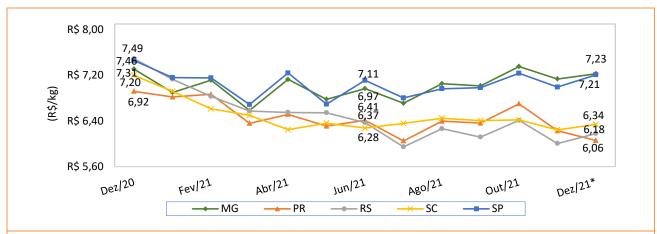


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021. Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Santa Catarina, os valores preliminares do suíno vivo na praça de Chapecó apresentaram quedas de 0,6% para o produtor independente e de 0,5% para o integrado nas primeiras semanas de dezembro. Na comparação com dezembro de 2020, os preços pagos aos produtores independentes caíram 16,7%, enquanto para os integrados a queda foi de 8,8%.



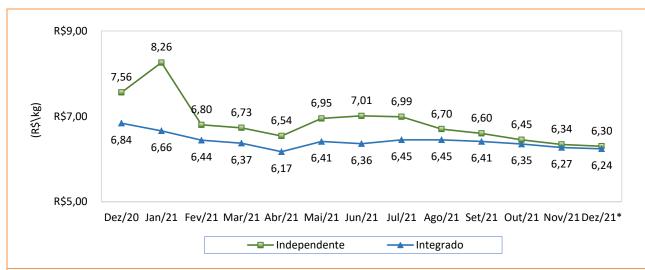


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado \* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021.
Fonte: Epagri/Cepa.

Após dois meses de quedas, nas primeiras semanas de dezembro os preços de atacado da carne suína apresentaram movimentos de alta em relação ao mês anterior: pernil (5,4%), carcaça (4,5%), carré (3,4%), costela (2,0%) e lombo (0,7%). Na média de todos os cortes, a variação foi de 3,2%. Não obstante o resultado preliminar de dezembro, no acumulado do ano verifica-se queda de 10,8% no preço médio de atacado da carne suína.

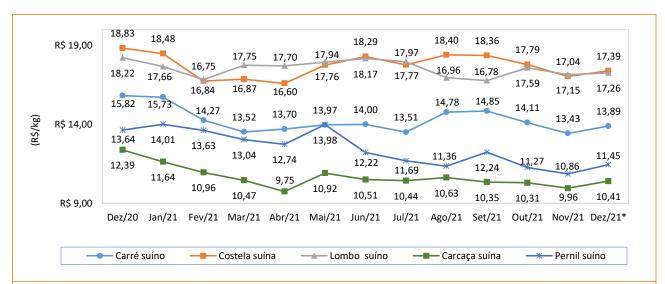


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021. Fonte: Epagri/Cepa.

Ao comparar os valores preliminares de dezembro com o mesmo mês de 2020, são observadas variações negativas em todos os cortes: pernil (-16,1%), carcaça (-16,0%), carré (-12,2%), costela (-7,7%) e lombo (-5,3%). Na média dos cinco cortes, verifica-se queda de 11,4%.



#### Custos

Em novembro, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$6,65/kg de peso vivo, queda de 2,2% em relação ao mês anterior. A variação acumulada nos últimos 12 meses é de -1,7%, enquanto a variação no ano é de 1,4%. A alimentação representou 81,5% dos custos de produção dos suínos no último mês.

Na primeira quinzena de dezembro, os preços dos leitões apresentaram movimentos distintos. Em relação ao mês anterior, os leitões de aproximadamente 22kg caíram 1,3%, enquanto o preço dos leitões de 6 a 10kg manteve-se inalterado. Na comparação com dezembro de 2020, se observam quedas em ambas as categorias: -6,9% para os leitões de 6 a 10kg e -6,2% para os leitões de aproximadamente 22kg.

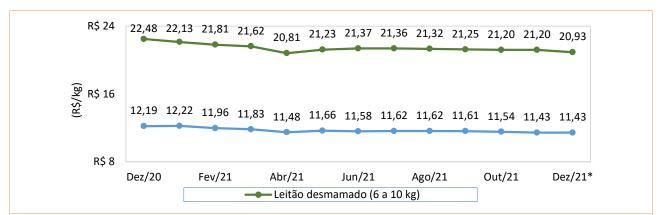


Figura 5. Leitões - Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/dez./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou alta de 2,9% nas primeiras semanas de dezembro em relação ao mês anterior, resultado decorrente da alta de 2,3% no preço do milho, somada à redução de 0,5% no preço do suíno vivo na praça de Chapecó. O valor atual está 38,6% acima daquele observado em dezembro de 2020.

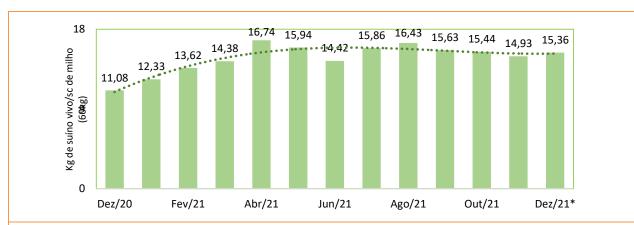


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

\* O valor de dezembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/dez./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em dezembro de 2020, o suinocultor precisava de 11,1kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, enquanto em dezembro deste ano são necessários 15,4kg para adquirir o mesmo produto.



#### Comércio exterior

Em novembro, o Brasil exportou **77,78 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de **20,2**% em relação ao mês anterior e de **9,8**% na comparação com novembro de 2020. As receitas, por sua vez, foram de **US\$168,68 milhões**, valor **21,9**% menor que no mês anterior e **16,3**% abaixo de novembro de 2020.



Figura 7. Carne suína - Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a novembro, o Brasil exportou **1,03 milhão de toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$2,43 bilhões**, altas de **11,0%** e **17,5%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Com isso, os embarques de 2021 já superaram os valores totais de 2020, tanto em valor quanto em quantidade.

Os cinco principais destinos das exportações brasileiras de carne suína neste ano foram China (52,3% do total), Hong Kong (12,4%), Chile (5,9%), Singapura (4,3%) e Vietnã (3,7%), responsáveis por 78,6% das receitas no período.

Santa Catarina exportou **42,65 mil** toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em novembro, queda de **17,0%** em relação ao mês anterior e de **2,8%** em relação a novembro de 2020. As receitas foram de **US\$95,84 milhões, -18,2%** em relação ao mês anterior e **-8,6%** na comparação com novembro de 2020. Essas quedas são decorrentes, principalmente, da redução do volume importado pela China nos últimos meses, cenário resultante tanto da gradativa recuperação da suinocultura chinesa, após os surtos de peste suína africana, quanto da desaceleração do crescimento econômico daquele país.



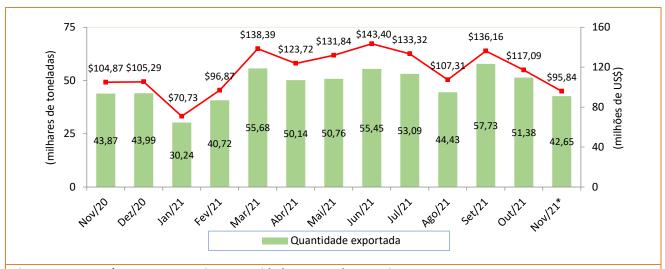


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em novembro foi de **US\$ 2.298/tonelada**, queda de **1,2**% em relação ao mês anterior e de **7,7**% quando comparado ao valor de novembro de 2020.

De janeiro a novembro, o estado exportou **532,27 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,29 bilhão**, altas de **11,0%** e **21,2%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Santa Catarina respondeu por **53,3%** das receitas e **51,7%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 85,2% das receitas de janeiro a novembro. China e Hong Kong responderam por 65,4%.

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)		
China	766.154.342,00	312.001		
Chile	142.791.892,00	57.399		
Hong Kong	81.080.517,00	38.588		
ilipinas	59.815.163,00	28.929		
lapão	53.281.416,00	13.095		
Demais países	191.551.578,00	82.261		
Гotal	1.294.674.908,00	532.273		

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, seis apresentaram variações positivas nas receitas acumuladas neste ano em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (14,3%), Chile (61,5%) e Filipinas (554,0%). Por outro lado, variações negativas foram registradas nos embarques para quatro destinos, com destaque para Hong Kong (-6,3%), terceiro principal importador da carne suína brasileira.

Em meados de novembro, a Rússia informou ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) a abertura de uma cota de 300 mil toneladas para importações de carnes com tarifa zero, sendo 200 mil toneladas para carne bovina e 100 mil para suína. Atualmente vigora uma tarifa de importação de 15% para um volume de até 530 mil toneladas. A medida valerá por seis meses.

Juntamente com o anúncio da liberação da cota sem tarifa de importação, o governo russo divulgou a lista de 12 novas unidades de abate autorizadas a exportar carne para aquele país, sendo 3 de carne bovina e 9



de carne suína. Dentre essas últimas, 4 são de Santa Catarina: Campos Novos, Itapiranga, Seara e Presidente Getúlio. Essas medidas devem resultar num incremento dos embarques para a Rússia já no início de 2022 e sinalizam para um bom fluxo de exportações de carne suína no 1º semestre de 2022. A retomada das vendas para a Rússia ganha ainda mais importância diante das incertezas em relação à demanda chinesa no próximo ano.

Por outro lado, o Ministério das Finanças da China anunciou que aumentará as tarifas de importação da carne suína a partir de janeiro. As tarifas para as nações mais favorecidas, categoria em que o Brasil se enquadra, voltarão a 12% a partir do dia 1° de janeiro, na comparação com 8% em vigor desde 2020. A China havia reduzido a tarifa incidente sobre as importações de carne suína na tentativa de controlar os fortes aumentos de preços registrados no mercado interno daquele país.



## Leite

Tabajara Marcondes Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa tabajara@epagri.sc.gov.br

### Produção de leite

Neste mês de dezembro, o IBGE divulgou novos resultados da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE), agora com os dados das unidades da federação, que confirmam quedas bem acentuadas na quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas nos meses do terceiro trimestre. A redução de 1,2% na quantidade de leite adquirida no período de janeiro a setembro de 2021, em relação ao mesmo período de 2020, se explica, sobretudo, pelo péssimo desempenho da produção no terceiro trimestre (Tabela 1). Não é improvável que isso se repita nos meses deste último trimestre de 2021, o que se saberá em fevereiro/março de 2022, com a divulgação de novos resultados da Pesquisa Trimestral do Leite, pelo IBGE.

Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas									
Mês		Bilhão de litros							
	2017	2018	2019	2020	2021	2020-21			
Janeiro	2,101	2,161	2,207	2,272	2,347	3,3			
Fevereiro	1,833	1,890	1,933	2,066	2,050	-0,8			
Março	1,928	1,968	2,055	2,109	2,176	3,2			
Abril	1,812	1,873	1,911	1,969	1,945	-1,2			
Maio	1,907	1,734	1,975	1,957	1,960	0,2			
Junho	1,929	1,872	1,974	1,949	1,932	-0,9			
Julho	2,058	2,036	2,075	2,143	2,036	-5,0			
Agosto	2,118	2,120	2,128	2,199	2,084	-5,2			
Setembro	2,103	2,100	2,081	2,174	2,075	-4,6			
Até setembro	17,789	17,754	18,339	18,838	18,605	-1,2			
Outubro	2,141	2,222	2,203	2,236					
Novembro	2,154	2,210	2,186	2,224					
Dezembro	2,250	2,271	2,283	2,343					
Total anual	24,334	24,457	25,011	25,641					

2020 e 2021: Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

A ocorrência de queda de um ano para o outro na quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil é fato pouco comum. Em toda série histórica disponível da PTL/IBGE, com dados desde 1997, ocorreu apenas de 2014 para 2015 e de 2015 para 2016. Isso evidencia a perda de dinamismo da produção leiteira brasileira depois de 2014. Até então, raros foram os anos em que a quantidade de leite adquirida pelas indústrias não cresceu sensivelmente em relação ao ano anterior.

Nas unidades da federação, os comportamentos têm sido bastante heterogêneos. Tomando por base apenas os seis principais estados produtores de leite, na comparação de janeiro a setembro de 2021 com o mesmo período de 2020, houve aumento na quantidade de leite adquirida pelas indústrias nos três estados do Sul, estabilidade em Goiás e queda em Minas Gerais e São Paulo (Tabela 2). Com isso, neste ano de 2021, pela primeira vez na história, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas da Região Sul deve superar a da Região Sudeste.

Tabela 2. Leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas, principais estados produtores

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Considerando que 2020 foi ano bissexto, a redução real é de 0,9% e não 1,2%.



Estado		Anual		Até setembro				
	Milhão	Milhão de l		ľ	Var. %			
	2019	2020	2019-20	2019	2020	2021	2020-21	
Minas Gerais	6.285	6.517	3,7	4.588	4.789	4.554	-4,9	
Paraná	3.308	3.518	6,3	2.443	2.570	2.608	1,5	
Rio Grande do Sul	3.255	3.336	2,5	2.424	2.437	2.525	3,6	
Santa Catarina	2.761	2.892	4,7	2.005	2.129	2.186	2,7	
São Paulo	2.786	2.749	-1,3	2.027	2.050	1.924	-6,1	
Goiás	2.636	2.514	-4,6	1.926	1.849	1.849	0,0	
Subtotal	21.031	21.526	2,4	15.413	15.824	15.646	-1,1	
Outras	3.980	4.115	3,4	2.926	3.014	2.959	-1,8	
Brasil	25.011	25.641	2,5	18.339	18.838	18.605	-1,2	

2020 e 2021 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

## Balança comercial

Em novembro, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil foi 50,8% menor que a do mesmo mês de 2020. A quantidade exportada também foi 12,6% menor (Tabela 3). A balança comercial fechará o ano com saldo negativo pouco acima dos 100 milhões de quilos de lácteos, o menor patamar do período 2016-2021.

Tabela 3. Balança comercial brasileira de lácteos									
	Milhão de quilo								
Mês	Importação			Exportação			Saldo		
	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %
Janeiro	10,6	17,8	68,4	2,9	2,4	-17,3	-7,7	-15,5	100,2
Fevereiro	8,8	15,1	72,0	1,8	1,8	-1,0	-7,0	-13,4	90,6
Março	9,4	14,4	52,9	2,5	2,8	8,8	-6,8	-11,6	69,3
Abril	6,0	7,3	22,0	1,8	4,3	135,7	-4,2	-3,0	-27,3
Maio	7,5	8,3	9,9	2,3	3,3	39,2	-5,2	-5,0	-3,4
Junho	8,4	8,8	5,0	2,2	4,0	85,1	-6,3	-4,9	-22,6
Julho	12,6	9,6	-23,5	2,7	3,5	31,9	-9,9	-6,1	-38,4
Agosto	18,0	10,0	-44,1	2,7	3,0	10,4	-15,3	-7,0	-53,9
Setembro	22,8	10,6	-53,7	2,4	2,5	1,4	-20,4	-8,1	-60,3
Outubro	22,1	12,1	-45,3	2,7	2,1	-21,6	-19,5	-10,0	-48,6
Novembro	22,9	11,3	-50,8	2,5	2,2	-12,6	-20,4	-9,1	-55,5
Até novembro	149,2	125,4	-16,0	26,5	31,7	19,6	-122,7	-93,7	-23,6
Dezembro	22,4			2,5			-19,9		
Total	171,6			29,0			-142,6		

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat.

### Preços

Na reunião de novembro (dia 28), o Conseleite/SC definiria o preço de referência final do leite para o mês de outubro e projetaria o preço de novembro. Isso acabou não se concretizando. Pela primeira vez na história do Conselho catarinense não houve aprovação da resolução com os preços de referência para publicação, por conta da discordância da representação dos produtores quanto aos baixos preços apresentados e aspectos metodológicos que servem de base para o estabelecimento dos preços de referência. A expectativa é de que nos meses vindouros as representações dos produtores e das indústrias voltem a discutir a base metodológica do Conseleite/SC. Neste mês de dezembro se repetiu a situação de novembro: houve a reunião (dia 17), mas sem aprovação da resolução com os preços de referência para publicação.

Os levantamentos da Epagri/Cepa, que referenciam o cálculo do preço médio recebido pelos produtores



catarinenses, mostram que o preço médio de dezembro ficou 11 centavos abaixo do preço médio de novembro (Tabela 4).

Tabela 4. Leite – Santa Catarina: preço médio <sup>(1)</sup> aos produtores – 2018-21								
Mês	R\$	l posto na	Variação (%)					
ivies	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21		
Janeiro	0,94	1,09	1,22	1,94	11,9	59,0		
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	1,78	7,7	41,3		
Março	0,96	1,25	1,29	1,71	3,2	32,6		
Abril	1,01	1,27	1,28	1,76	0,8	37,5		
Maio	1,09	1,32	1,19	1,84	-9,8	54,6		
Junho	1,14	1,32	1,31	1,99	-0,8	51,9		
Julho	1,30	1,23	1,50	2,15	22,0	43,3		
Agosto	1,35	1,19	1,66	2,17	39,5	30,7		
Setembro	1,31	1,21	1,87	2,17	54,5	16,0		
Outubro	1,28	1,21	1,95	2,12	61,2	8,7		
Novembro	1,24	1,19	1,92	1,95	61,3	1,6		
Dezembro	1,11	1,18	1,97	1,84	66,9	-6,6		
Média anual	1,14	1,22	1,54	1,95	25,9	27,1		

<sup>(1)</sup> Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

A comparação dos preços recebidos nos anos recentes sugere que 2021 foi um ano de preço satisfatório aos produtores catarinenses. Isso é parcialmente verdadeiro, valendo principalmente para o mês de janeiro e para o período de junho a setembro. Nos demais meses, os valores recebidos estiveram muito próximos ou sequer cobriram os custos de produção<sup>9</sup>, com a situação ficando mais grave nos meses de novembro e dezembro e devendo adentrar nos primeiros meses de 2022. Isso deve seguir impactando negativamente sobre o desempenho da produção leiteira estadual e brasileira. Neste sentido, ao mesmo tempo que se estima que a produção nacional de 2021 será inferior à de 2020, se inicia 2022 com perspectivas de nova redução.

https://cepa.epagri.sc.gov.br

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Sistemas referenciais de produção definidos no âmbito do Conseleite/SC e seus respectivos custos de produção do leite podem ser consultados em: https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/custos-de-producao/